



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE DANÇA**

Cibelle de Oliveira e Santos

**A dança lúdica como um caminho para o desenvolvimento de
jovens/adultos com deficiência**

Monografia, apresentada ao Curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa como requisito para obtenção do título de bacharel em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Evanize Kelli Siviero Romarco

**Viçosa-MG
2017**

Sumário

| | |
|--|----|
| Lista de Siglas..... | 3 |
| Resumo..... | 4 |
| Abstract..... | 5 |
| 1. Introdução..... | 6 |
| 2. Objetivos..... | 9 |
| 2.1. Objetivo Geral..... | 9 |
| 2.2. Objetivos Específicos..... | 9 |
| 3. Revisão de Literatura..... | 10 |
| 3.1. Lúdico..... | 13 |
| 3.2. Dança e a Expressão Corporal..... | 16 |
| 3.3. Relações Interpessoais..... | 22 |
| 4. Metodologia..... | 30 |
| 4.1. Participantes..... | 31 |
| 4.2. Local da Pesquisa e Riscos..... | 32 |
| 4.3. Apresentação do Trabalho Prático..... | 33 |
| 4.4. Instrumentos de pesquisa..... | 36 |
| 4.5. Tratamento dos dados..... | 38 |
| 5. Análise e Discussão dos Dados..... | 39 |
| 5.1. Programa Didático Pedagógico..... | 40 |
| 5.2. Desenvolvimento do interesse pela Dança a partir do programa..... | 67 |
| Considerações Finais..... | 71 |
| Referências Bibliográficas..... | 74 |
| Anexo 01..... | 83 |
| Anexo 02..... | 87 |
| Anexo 03..... | 92 |
| Apêndice 01..... | 96 |

Lista de Siglas

| | |
|------|--|
| MG | Minas Gerais |
| APAE | Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais |
| PCD | Pessoas com Deficiência |
| E.C. | Expressão Corporal |
| L.C. | Linguagem Corporal |
| R.I. | Relações Interpessoais |

Resumo

A presente pesquisa trata do corpo deficiente, e a relação de desenvolvimento que o mesmo pode estabelecer com práticas de dança lúdica. O trabalho buscou a melhor maneira de somar o trabalho lúdico à área de dança para pessoas com deficiências, trabalhando suas relações interpessoais, expressão corporal e interesse pela dança, com o intuito de também montar um material didático-pedagógico construído a partir do que foi observado e analisado durante a pesquisa. Por meio de uma pesquisa descritiva e um estudo de caso, o presente trabalho aconteceu através da observação de aulas práticas de dança lúdica com oito alunos da APAE de Viçosa – MG, que apresentavam as mais diversas deficiências (físicas e intelectuais), em um período de 4 meses. Para a coleta de dados, todas as aulas aplicadas foram filmadas para que desta maneira a observação e avaliação das mesmas fossem realizadas de maneira mais minuciosa, obtendo assim uma melhor análise. Os resultados foram obtidos a partir do material pedagógico desenvolvido, podendo-se observar que as atividades que mais influenciaram a Expressão Corporal dos alunos foram as de imagens com comandos de como se movimentar; amarelinha; e o siga o mestre. Quanto às relações interpessoais dos participantes, as atividades que mais trabalharam este aspecto foram a marionete humana; labirinto; atividades em dupla. O programa também auxiliou no desenvolvimento do interesse pela dança, onde os resultados foram analisados a partir da aceitação e realização das atividades por parte dos alunos; com manifestações de ideias próprias de como poderiam ser executados os exercícios; com um alcance cada vez maior dos objetivos propostos, devido ao interesse que os alunos despertaram pelas aulas; principalmente pela expressão corporal e verbal a respeito do que gostariam de dançar. Assim este estudo se mostrou válido alcançando maior parte dos alunos, apresentando um desenvolvimento positivo quanto ao interesse pela dança, trabalhando com o cuidado de zelar pela expressão corporal e as relações interpessoais dos participantes, como forma de expressão de comunicação, de arte, por meio do programa em dança lúdica.

Palavras-chaves: Dança; Lúdico; Deficiência.

Abstract

This research deals with the disabled body and the relationship it can keep with playful dancing practices. The study pursued the most appropriate way to link playful activities with the field of dance for disabled people, enabling their interpersonal relationships, body language and interest for dancing, with the aim of also shape a courseware built upon what was observed and analyzed within this research. By means of a descriptive research and a case study, this work was developed through the observation of practical playful dancing classes with eight students from Viçosa's APAE, who had several and diverse disabilities (physical and intellectual), in a time frame of four months. For the data collection, all classes were filmed so as their observation and assessment could be deeply enhanced. The results were drawn upon the developed courseware, and it was possible to realize that the activities which most influenced the students' body language were those dealing with images with moving commands; hopscotch; and follow-the-leader. Regarding the participants' interpersonal relationships, the activities which most impacted were the human puppet; labyrinth; work in pairs. The program also aided the development of interest for the dance after the project was held, being the results analyzed through the acceptance and fulfillment of the activities by the students; and stemming from their own ideas of how these activities should be held; with an increasing range of the proposed goals, given the interest for the classes the students showed; mainly for the vocal and body language on what they would like to dance. Therefore this study was worthy, reaching the majority of the students, putting on a positive development on the interest for the dance, dealing with and taking care of the body language and the interpersonal relationship of the participants, as means of art and communication language, through the playful dancing program.

Keywords: Dance; Playful; Disability

1. Introdução

É muito comum perceber o preconceito que é tido sobre as Pessoas com Deficiências (PCD) ainda nos dias de hoje. Em seu passado, quem apresentasse alguma deficiência era excluído da sociedade de modo absurdo e hoje, apesar de terem conquistado muitos direitos, a deficiência ainda é vista como uma impossibilidade para a realização de diversas atividades das mais diversas situações da vida.

O interesse em trabalhar a dança com pessoas com deficiência iniciou-se em 2015, quando a proponente deste estudo teve o primeiro contato com a disciplina de Dança para com PCD. Este encontro ocorreu nas aulas de Dança e Educação Especial I, ministradas pela docente Evanize Siviero. A partir destas aulas foi possível obter conhecimento e começar a entender o processo de aulas de danças para este público.

Com o desenvolver da disciplina foi possível perceber a ideia equivocada por parte da pesquisadora a respeito deste ramo da dança, pois já de início a mesma expôs que não era capaz de lidar com as PCD, reconhecendo assim um preconceito da mesma trabalhando com esta população. Este pensamento se manteve por alguns momentos, onde havia a impressão de incapacidade para se entender aquele público e de realizar assim um trabalho significativo, até que, com o passar das aulas na disciplina, houve a percepção do quão errada a pesquisadora estava em relação a toda aquela situação.

Foi durante um semestre acompanhando o desenvolvimento de diversos alunos da APAE¹ de Viçosa-MG, e mais incessantemente uma aluna que possuía Paralisia Cerebral, que a pesquisadora percebeu não acreditar nas capacidades de ambas (dela mesma em lidar com PCD e da menina com paralisia conseguir, ser capaz de se movimentar). Com poucas aulas a aluna em questão

1 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

começou a ter uma evolução de coordenação motora e de interação social que até então não pareciam ser possíveis. A mesma começou a realizar movimentações por conta própria - a sua maneira – começou a querer e perceber a presença da pesquisadora ali ao seu lado, abrindo sorrisos no rosto, pegando nas mãos e olhando fixamente quando não podiam estar perto uma da outra.

Houve então uma conquista da aluna em relação à pesquisadora, mostrando que ambas eram então, muito mais capazes do imaginado até momento.

Trabalhar com este público se mostrou ser algo que fazia bem, pois eles mostram outro lado da vida, os quais muitas vezes não se tem conhecimento, devido a essa maneira de viver é excluída pela sociedade - não possuindo acessos fáceis à diversos lugares, adaptações necessárias de vias, atividades de lazer, etc. Com o decorrer do trabalho ocorreu o pensamento de que se com tão pouca experiência na área já fora presenciados avanços, o que poderia ser realizado com mais experiência, estudos e conhecimento? Esse então foi o ponto de partida para que surgisse o interesse em escrever um estudo monográfico de graduação focada neste assunto.

Quanto mais informações foram sendo obtidas durante a disciplina, percebeu-se como o material abordado nessa área vem crescendo. De acordo com Rossi e Munster (2013, p.182), estudos sobre dança para PCD vêm acontecendo desde a década de 80, e aumentando nos anos atuais com o início das políticas de inclusão das deficiências múltiplas e também como “[...] aumento desses estudos parece estar relacionado aos benefícios a essa população decorrente da dança”.

[...] os benefícios que a dança pode proporcionar às pessoas com deficiência envolvem aspectos motores, intelectuais, psicológicos e sociais, pois: facilita o desenvolvimento, a reabilitação e/ou a reeducação do gesto motor; relaciona e desenvolve os aspectos motores, melhorando a postura, a coordenação, o ritmo, a movimentação articular e o corpo como um todo; proporciona melhora na autoconfiança e na imagem corporal; e aprimora a comunicação, a cooperação e a inter-relação pessoal, promovendo a qualidade de vida. (ROSSI; MUNSTER, 2013, p.182)

É importante perceber como a dança assume uma posição que vai muito além de uma atividade física, sendo esta também terapêutica e pedagógica para ambos os lados (PCD e os profissionais envolvidos na área). Tal trabalho pode e deve ser desenvolvido em diversos ambientes sejam eles escolas, academias de danças, centros terapêuticos, fisioterápicos, etc. O mesmo se mostra de grande importância, pois abrange diversos caminhos com as mais diversas deficiências apresentadas até os dias de hoje.

Ressalta-se que, embora haja uma relação maior entre o contexto educacional e a finalidade pedagógica; o contexto de reabilitação e a finalidade terapêutica; o contexto artístico e a finalidade performática e o contexto esportivo e a finalidade competitiva e de alto rendimento, pode haver uma sobreposição entre esses contextos e finalidades. Assim, um contexto possibilita o envolvimento de diversas finalidades, e as finalidades podem ser desenvolvidas em diversos contextos. (ROSSI; MUNSTER, 2013, p.185)

Desenvolver trabalhos que proporcionem as relações interpessoais, como a dança faz, é importante para auxiliar no processo de inclusão das PCD na sociedade, pois mostra as capacidades que eles já possuem e ajuda a desenvolvê-las ainda mais. A dança também permite que os mesmos possuam relações com os mais diversos tipos de pessoas, aprendendo a respeitá-las e a serem respeitados.

A dança apresenta então um âmbito artístico social capaz de fazer diferença nas diversas divisões da sociedade, pois com a dança é possível quebrar barreiras preconceituosas que existem de um indivíduo a outro, e tal abrangência engloba a relação das PCD perante as relações sociais existentes nos dias de hoje.

Ao ser relacionada com o lúdico, a dança adquire uma característica ainda mais favorável para conquistar estas diferenças, pois ao aderir a ludicidade, se torna ainda mais prazerosa e simples de ser praticada. Ambos os recursos propiciam de maneira mais eficaz o desenvolvimento das relações interpessoais que é de grande importância não só para a socialização dos indivíduos – um fator para a melhora da qualidade de vida com o meio em que estão inseridos – mas também

para o autoconhecimento e aumento na autoestima dos mesmos.

Acreditando no exposto acima foi que esta pesquisa se originou e possui como objetivo a construção de um programa didático pedagógico em dança lúdica, direcionado para pessoas com deficiência, pois acredita-se que esta prática é de grande importância para o desenvolvimento deste público-alvo.

O material construído não se restringe somente aos profissionais da área da dança, pois o mesmo visa uma facilidade maior de aplicação e execução, abrangendo assim a aderência de qualquer pessoa que esteja envolvida no desenvolvimento de uma pessoa com deficiência. Escolas, academias, educadores, psicólogos, pais, etc., podem usufruir do material tendo o mesmo como apoio, sendo assim um ponto de partida de como trabalhar com o indivíduo em questão. Tal programa, não seria uma cartilha, uma apostila que contém passo a passo do que deve ser desenvolvido, mas sim, um encaminhamento, um direcionamento do que pode, e como pode ser aplicado a este público, visando uma melhor vivência com o meio inserido.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

A presente pesquisa tem como intuito desenvolver um programa didático pedagógico de aulas de dança lúdica para pessoas com deficiência da APAE Viçosa – MG.

2.2. Objetivos Específicos

1. Verificar a influência do programa didático pedagógico sobre a expressão corporal e as relações interpessoais em sala de aula dos praticantes;

2. Analisar as mudanças das relações interpessoais com os colegas de sala e a expressão corporal dos participantes por meio da dança lúdica;
3. Desenvolver a aproximação e o interesse pela dança.

3. Revisão de Literatura

Por muito tempo a deficiência era vista de forma preconceituosa pela sociedade – algo que permanece até os dias atuais – e quem apresentasse algum quadro do gênero era vetado do direito de estudar e de ter um convívio social integrado com o meio. Este passado é marcado por exclusão social e diversas lutas para que PCD pudessem alcançar seus direitos como cidadãos. Segundo os autores Fernandes, Schlesener e Mosquero (2011), quem nascesse “diferente” (grifo nosso) era visto como o retrato da falha humana sendo rejeitados e abandonados até mesmo pelas próprias famílias. Ainda de acordo com os autores a igreja cristã exerceu um papel de grande importância neste momento da história, por acolherem as vítimas do abandono e ajudarem nas lutas contra as injustiças que ocorriam com este público. A partir do século IV no império romano, passaram a existir “[...] os primeiros hospitais de caridade que abrigavam indigentes e indivíduos com deficiências” (p.135).

De acordo com Tuleski et. al. (2003), somente no século XVIII, pessoas com deficiência começaram a ser consideradas capazes de viver junto à sociedade. Fernandes, Schlesener e Mosquera (2011) complementam que esta inclusão culminou com a inserção dos deficientes no mercado de trabalho.

Com a chegada do século XX, ocorreram grandes mudanças de extrema importância para a vida destas pessoas. A partir dessa época passaram a existir mecanismos de auxílio a eles como as bengalas, ensino para deficientes sensoriais, as cadeiras de roda, etc. E conforme Santos e Figueiredo (2003), no final dos anos 50, foi conquistado seu espaço dentro das escolas. Mendes (2003)

diz que inicialmente foi concluído que o ensino para pessoas com deficiência deveria ser especial, sendo dissociado das escolas regulares. Porém, em meado da década de 60, por questões morais e com o surgimento de estudos direcionados a esta área, foi decidido que o ensino não deveria ser segregado, e dessa maneira as PCD começaram a serem aceitas em algumas escolas de ensino regular. Sampaio e Sampaio (2009), nos falam que a implantação da escola inclusiva ocorre no ano de 1994 de forma mundial, onde a fundamentação do movimento era de não impedir uma criança do direito ao estudo, independente da sua deficiência física ou intelectual. Nesse momento inicia-se a integração de pessoas com deficiência dentro do ensino regular.

É comum encontrar o termo *integrar* quando se trata de PCD, porém, esta integração não é o suficiente. De acordo com Mendes (2003), a partir dos anos 70, foi o momento em que escolas regulares realmente iniciaram um processo de aceitação de pessoas com deficiência, começando assim o processo de integração, porém não de *inclusão*. Ainda de acordo com o autor, há divergência de país para país sobre qual termo deve ser usado, “integração” ou “inclusão”², o autor explica que o “[...] movimento pela educação inclusiva, nada mais é do que o movimento atual, ou uma reação às críticas, às práticas encontradas no passado da própria história da educação especial” (p.28).

De acordo com Ribeiro, Lima e Santos (2009), a discussão a respeito da educação inclusiva em nosso país vem conquistando mais espaço nas discussões políticos educacionais, seguindo o fluxo mundial para o caminho da inclusão.

2 Integração: “Este processo de integração se traduz por uma estrutura intitulada sistema de cascata, que deve favorecer o "ambiente o menos restritivo possível", oportunizando ao aluno, em todas as etapas da integração, transitar no "sistema", da classe regular ao ensino especial. Trata-se de uma concepção de integração parcial, porque a cascata prevê serviços segregados que não ensejam o alcance dos objetivos da normalização”. Inclusão: “A noção de inclusão não é incompatível com a de integração, porém institui a inserção de uma forma mais radical, completa e sistemática. O conceito se refere à vida social e educativa e todos os alunos devem ser incluídos nas escolas regulares e não somente colocados na "corrente principal".” (MANTOAN, 1998, p.1)

Ainda segundo os autores, o intuito de criar um espaço educacional que promova o aprendizado para todos os tipos de alunos, independente de suas diferenças, são as propostas de mudanças para os institutos educacionais, assim como “[...] as bases fundamentais do processo de inclusão educativa, constituindo-se, assim, como um imperativo moral [...]” (p.93). Os autores expõem a importância que é a inserção de todos no mesmo espaço cotidiano, tendo efeitos positivos que objetivam a consideração pelo próximo, o respeito, e “[...] a valorização das diferenças e potencialidades de cada educando, tanto no âmbito escolar, quanto no familiar e social” (p.94). Sendo assim, a escola e todo o corpo de profissionais que a compõe, tem o comprometimento de fazer com que o ambiente de ensino seja propício para o desenvolvimento de tudo que foi descrito acima.

Sampaio e Sampaio (2009) apresentam a problemática onde a institucionalização de pessoas com deficiência acabou não apresentando uma boa porcentagem de êxito, sendo assim não preparando os mesmos para uma vida em sociedade. Eles prosseguem abordando a questão da Inclusão x Integração. Os autores explicam que ambos os termos promovem a inserção de pessoas com deficiência dentro das escolas, porém, a inclusão é aplicada de uma maneira mais completa. O que os autores afirmam é que esta ideia defende o mesmo espaço escolar para todos os alunos independentes de suas características. Porém, eles complementam, que para que tal modelo possa ser aplicado de forma eficaz, é necessária uma reforma dentro da política pedagógica das escolas, assim como do próprio conteúdo programático, para que haja o processo de inclusão.

Pensando sobre este prisma alguns conteúdos das artes do corpo e da cena, como a dança, os jogos lúdicos entre outros podem ser conhecimentos que possam fazer esse processo de inclusão no âmbito educacional e social de todos os indivíduos envolvidos, sejam estes com deficiência ou não.

3.1. Lúdico

O recurso lúdico dentro do ensino já é considerado de grande importância para o desenvolvimento dos alunos. O mesmo vai muito além do brincar tendo como intuito tornar o ensino aprendizagem mais prazeroso. De acordo com Pessoa (2012), o caráter lúdico faz parte da natureza humana, um indivíduo necessita de uma relação com o meio ambiente para o seu desenvolvimento, e este recurso torna o processo mais acolhedor.

A palavra lúdico vem do latim ludus e significa brincar. No lúdico estão incluídos os jogos, brinquedos e divertimentos e é relativo também à conduta daquele que joga que brinca e que se diverte. Por sua vez, a função educativa do jogo oportuniza a aprendizagem do indivíduo, seu saber, seu conhecimento e sua compreensão do mundo. (SANTOS, 1997 apud. PESSOA, 2012, p.12)

Ainda de acordo com Pessoa (2012), essa questão da ludicidade na educação já vindo sendo considerada desde Platão na Grécia antiga, e desta maneira, os estudos nesta área só vem crescendo. Porém, apesar de sua eficácia, no Brasil segundo Kishimoto (2005), o termo ainda é visto de forma banal e com pequena importância.

Pessoa (2012, p.13) explica que o lúdico favorece o indivíduo durante as brincadeiras fazendo com que o mesmo acumule “[...] experiências em contato com pessoas e coisa, armazenando-as em sua memória, estimula a sua criatividade e percepção [...]”, e vai além interferindo nas relações interpessoais auxiliando assim no desenvolvimento da “[...] maturidade que o ajuda na solução de conflitos e problemas, melhora seu vocabulário e aprende a controlar suas emoções, adaptando seus comportamentos, de acordo com seu grupo social”.

Este recurso hoje em dia pode ser utilizado com as diversas faixas etárias, apresentando resultados eficazes com todas as idades, nos mais diferentes ambientes.

Segundo Gusso e Schuartz (2005, p.241), na infância é muito importante no desenvolvimento das relações de afeto e atenção para as crianças, sendo “[...] nos primeiros anos de sua vida que o educador deve concentrar suas ações de afeto e atenção, a fim de proporcionar aprendizagens significativas”, e as atividades de caráter lúdico ajudam a estabelecer essas relações. Ainda de acordo com as autoras, “[...] a realização de uma proposta educacional focada no lúdico torna-se fundamental, independentemente dos contextos, para a formação integral, significativa e prazerosa das crianças” (p.242).

Por meio das brincadeiras, a criança fantasia, imita os adultos e adquire experiências para a vida adulta. O crescimento infantil é acompanhado pelas brincadeiras, pelos jogos simbólicos que ela mesma inventa para construir conceitos e entender o mundo ao seu redor. SEBER define bem esse pensamento quando diz que: ‘a conduta de viver de modo lúdico situações do cotidiano amplia as oportunidades não só de compreensão das próprias experiências como também de progressos do pensamento’ (1995, p. 55). Assim, o jogar e o brincar podem ser usados como ferramentas para o ensinar e o aprender. Se o professor aliar o lúdico aos conteúdos que deseja ensinar, irá despertar na criança o gosto em aprender coisas novas e significativas para sua formação. (GUSSO; SCHUARTZ, 2005, p.243)

Gusso e Schuartz (2005, p.244), dizem como trabalhar em conjunto com o lúdico é importante, pois o mesmo se torna um instrumento para o professor “[...] prevenir, diagnosticar, mediar e intervir no desenvolvimento integral da criança, ou até mesmo do grupo”. As autoras ainda destacam a importância de como as atividades e as aulas devem ter uma preparação construída pelo professor. Segundo as autoras, para ser lúdico, não pode existir “[...] pressão nem obrigação e é preciso ser realizado com prazer. Desta forma, as crianças têm a oportunidade de criar, organizar e administrar seus brinquedos e jogos”. As atividades devem ser voltadas para o trabalho do cognitivo, do caráter físico, social e afetivo dos alunos.

É importante ressaltar, que apesar de brincadeira, para que haja a aprendizagem, o indivíduo tem que estar interessada no que está sendo passado

para ele. Segundo Gusso e Schartz (2005), é preciso que as aulas possuam momentos desafiadores, que irão captar a atenção dos alunos, não se tornando apenas uma atividade mecanizada do dia a dia. A presença do Lúdico dentro de sala de aula, aplicada de maneira correta, visa resultados promissores no desenvolvimento integral do aluno, pois “[...] as brincadeiras poderão ser usadas como alternativas para o resgate de valores e conhecimentos necessários a uma boa formação pessoal” (p.284).

Na visão de Piaget, o lúdico tem dupla função: consolidar os esquemas formados e dar prazer ou equilíbrio emocional à criança. Dessa maneira, o ato de brincar representa um modo de aprender a respeitar os objetos e eventos novos e complexos, de consolidar e ampliar conceitos e habilidades e integrar o pensamento com as ações, dependendo a forma como as crianças brincam em dada ocasião do estágio de desenvolvimento cognitivo em que se encontram. (PESSOA, 2012, p.18)

A autora Medeiros (2010, p.32), concorda com o autor Piaget e diz que “A ação de buscar, de apropriar-se dos conhecimentos, de transformar exigem dos estudantes esforços, participação, indagação, criação e reflexão, socialização com prazer relações que constituem a essência psicológica da educação lúdica [...]”.

Diversos autores concordam e comprovam a importância do lúdico e dos jogos para a educação. Pessoa (2012, p.20) explica como esses autores consideram o ato de brincar muito importante, principalmente para promover um conhecimento através das próprias emoções, despertando o lado crítico. “Do brincar infantil até chegar ao jogo com regras e as diversas formas subjetivas de jogo, o ser humano percorre todo um processo de transformações de cunho social, intelectual e afetivo”.

O trabalho com o jogo possui características semelhantes com o trabalho realizado na dança, pois ambos podem contribuir com “[...] o processo de interação social, com a nossa capacidade de desenvolvimento cognitivo, afetivo e

de nossa motricidade, podendo ser de modo lúdico e prazeroso” (ROCHA et al., 2014, p.2). A dança utiliza do jogo como uma ferramenta em suas aulas, pois o mesmo possui este caráter mais prazeroso e livre, mas que mantém um objetivo de aprendizagem, superação de desafios e desenvolvimento de habilidades, e também se constitui de atividades que são repletas de “emoções e significados” (p.3).

3.2. Dança e a Expressão Corporal

A dança é uma das práticas mais antiga do ser humano. Vista como linguagem artística a mesma possui um caráter físico, porém, não se limitando somente a movimentação corporal também apresenta grande influência no trabalho do cognitivo e emocional do ser humano. De acordo com Neves (2011, p.68) a “[...] dança representa uma forma de exprimir sentimentos através do movimento humano. A dança revela significados bem como vivência corporal, emocional e expressão de vida”. A autora prossegue explicando que esta prática “[...] por meio de signos de movimentos o homem revela seus pensamentos, suas críticas e o interior de seus sentimentos”.

Neves (2011, p.71), diz que o indivíduo necessita de uma prática corporal que o ajude a “[...] sentir sua movimentação, buscando possibilitar o autoconhecimento, a compreensão de si mesmo e de seu mundo”, e complementa dizendo sobre a sua importância para a “formação de um ser autônomo, crítico, que saiba intervir, modificar e usufruir a sociedade em que vive [...]”.

Por possuir uma vasta gama de conhecimento, de estudo e de trabalho prático, a dança é uma linguagem artística de grande importância para ser trabalhada e explorada dentro da escola. Segundo o autor Pereira (2001, p.61), a “[...] dança é um conteúdo fundamental a ser trabalhado na escola: com ela, pode-se levar os alunos a conhecerem a si próprios e/com os outros; a explorarem o mundo da emoção e da imaginação; a criarem; a explorarem novos sentidos [...]”.

Este modo menos tecnicista de se estudar/trabalhar a dança também foi sendo pensada por outros autores como Maria Fux, Gerda Alexander, Carls Jung, Angel e Klauss Vianna que enfocam a importância da dança como terapia, expressão corporal, tendo metodologias de grande ajuda ao praticante para a superação de dificuldades na aprendizagem, nos relacionamentos interpessoais, visando-se com isto uma maior e melhor vida social.

A expressão corporal, ou linguagem corporal como é mais conhecida, é um modo de comunicação não verbal, onde o corpo através de movimentos, expressões faciais, etc., assume o papel de falante. Essa forma de comunicação é tida como ainda mais antiga que a linguagem verbal.

O trabalho da Expressão Corporal é um dos elementos mais requisitados e buscados dentro da dança. Porém, apesar do significado acima, o que é a expressão corporal? Já existe dentro de nós, ou só pode surgir depois de um trabalho? Como alcançá-la?

Primeiramente, é importante a separação de expressão³ para linguagem⁴ corporal. Ambas usam o corpo e seus movimentos como um meio de se comunicar. Porém, a E.C. é uma vertente da L.C. onde a comunicação ultrapassa o trabalho de um signo como uma simples representação de um comando, palavra, ação, etc., e passa a abranger todo um trabalho pessoal, emocional, corporal e psicológico em conjunto. Levantar a mão dentro de uma sala de aula significa pedir licença ao professor para falar, porém, a partir do momento onde a E.C. é requisitada, este movimento pode assumir uma conotação totalmente diferente e nova. Mesmo um signo já estabelecido, codificado, ao inserir uma qualidade de representação própria, tendo assim de alguma maneira modificado o mesmo e atribuindo-lhe uma característica pessoal, o significado será o mesmo, o objetivo de comunicação se mantém presente, mas a forma de realizá-lo é singular e se torna algo próprio. As

3 Expressão corporal será escrita como E.C.

4 Linguagem corporal será escrita como L.C.

autoras Stokoe e Harf (1987, p.17) dizem que a E.C “[...] é um aprendizado em si mesmo: o que o indivíduo sente, o que quer dizer e como quer dizê-lo”.

A expressão corporal está integrada ao conceito da dança. Entendemos por dança uma resposta corporal a determinadas motivações. Coçar-se também é uma resposta corporal, mas ninguém poderia dizer que coçar-se para eliminar uma incômoda sensação seja dança. Não obstante, aquele que se coça de forma organizada e rítmica, com um fim expressivo e comunicativo determinado, pode transformar o caráter meramente funcional de tal ato numa dança da ‘coceira’. (STOKOE; HARF, 1987, p.16)

O autor Kunz (2004, p.20), referindo-se a E.C, diz como “[...] a sensibilidade as percepções e a intuição humana desenvolvem-se de forma mais aberta e intensa [...], vivências e experiência com atividades construídas por um se-movimentar espontâneo, autônomo e livre”. Stokoe e Harf (1987, p.15), explicam a importância da E.C, pois a mesma é bem diversificada, trabalhando aspectos como a “[...] sensibilização e a conscientização de nós mesmos, tanto para nossas posturas, atitudes, gestos e ações cotidianas, como para nossas necessidades de exprimir-comunicar-criar-compartilhar e interagir na sociedade [...]”. As autoras prosseguem fazendo a correlação com a dança onde ambas se relacionam ao corpo. As ações cotidianas com um intuito expressivo e de comunicação, poderiam se tornar dançantes, perdendo o caráter apenas funcional, e recebendo uma característica expressiva e artística⁵.

A expressão corporal é uma conduta espontânea preexistente, tanto no sentido ontogenético como filogenético; é uma linguagem através da qual o ser humano expressa sensações, emoções, sentimentos e pensamentos com seu corpo, integrando-o, assim, às suas outras linguagens expressivas como a fala, o desenho e a escrita. (STOKOE; HARF, 1987, p.15)

5 Stokoe e Harf (1987), entende que o artístico é tudo que possibilite o desenvolvimento da “sensibilidade, a imaginação, a criatividade e a comunicação humanas.”

A dança é a comunicação de uma mensagem que utiliza o corpo como instrumento. Lindner e Rossini (2013, p.26), afirmam que ao praticar a dança “preconceitos são destruídos, pois dançar não requer condições preestabelecidas. Dance todo aquele que deseja expressar seus sentimentos e necessidades através dos movimentos”.

A criatividade é uma característica natural das vivências do ser humano, porém, é muito comum vermos esta capacidade sendo impedida de aflorar em um indivíduo. Já na infância, dentro das instituições de ensino, é possível perceber como o mecânico sobrepõe a criatividade e a imaginação, e como a maneira que todos os alunos têm que agir de uma forma regrada e igual se torna mais importante. Conforme Lindner e Rossini (2013), a dança, o movimento surgirá a partir das vivências, experiências e ideias da pessoa em questão, sendo a criatividade algo estimulado de alguma maneira, e não algo natural do ser humano. O objetivo de se trabalhar a E.C. é totalmente contraditória a este pensamento de bloqueio, pois a mesma preza o estilo singular que cada indivíduo apresenta e que é manifestado de diversas maneiras através de suas atitudes e movimentações. Ainda segundo as autoras, “Padronizar uma linguagem corporal para favorecer a compreensão dos leitores é algo impensável, já que cada indivíduo é único e tem em si armazenado vivências totalmente incomparáveis à de outrem” (p.25).

Brikmam (1989), concorda com as autoras sobre a importância da criatividade e da E.C., a autora ainda aponta outra problemática a respeito da criatividade, como nossa imaginação interior acaba sendo sobreposta por imagens vindas do mundo exterior que estamos expostos constantemente neste mundo massificado, transformando nossa criatividade em apenas imagens reprodutoras do que vemos nos meios de comunicação de massa. Sendo assim, o foco da E.C. é o trabalho da livre expressão. Porém, mesmo possuindo este objetivo, o trabalho de E.C. não pode ser conduzido de qualquer maneira, para que seja possível encontrar essa imagem interior camuflada, existem certos caminhos que devem ser seguidos,

e outros que deverão ser evitados.

Segundo Stokoe e Harf (1987), qualquer trabalho com E.C. tem uma metodologia a se seguir. Por experiências próprias, as autoras chegaram à conclusão de que este trabalho se divide em 4 momentos: pesquisa; expressão; criação; comunicação. De acordo com Brikman (1989, p.25), a E.C quando pensada como disciplina, objetiva-se a “[...] resgatar e desenvolver todas as possibilidades humanas inerentes ao movimento corporal”. A autora ainda pontua a importância de todo o processo durante o trabalho, sendo este mais estimado do que o resultado final, pois o que se procura não é “[...] chegar a particular forma única, mas às formas mais enriquecidas possíveis [...]”.

É importante ressaltar que a livre expressão procurada não pode ser prejudicial ao próprio corpo, seu intuito não é ser mutiladora e sim o contrário, implicando ainda mais na preparação e conhecimento adequados que uma aula de E.C. deve possuir. Lindner e Rossini (2013, p.20) dizem que é importante o indivíduo perceber seu corpo, antes mesmo da transformação do movimento em E.C., pois “A partir da consciência corporal, o sujeito conhece o seu próprio corpo, suas limitações e possibilidades, faz-se ator das imagens internalizadas, revelando o que está oculto ao outro por meio do movimento”.

O mais importante pensar, é como alcançar essa expressão dentro das aulas de dança. De acordo com Silva e Schwartz (1999, p.169) “[...] a dança surge como um movimento intrinsecamente ligado à expressão, à criatividade, além de ser uma atividade social [...]”, porém, para fazer aflorar tal expressão é necessário, ainda de acordo com as autoras, que o corpo esteja integrado em sua totalidade, de uma maneira que seja possível “[...] passar as imagens do corpo, da vida cotidiana, para um esquema do corpo numa visão de mundo[...]”. Com a E.C. não é preciso o ensinamento de uma técnica de dança fechada e codificada, pois o intuito é simplesmente deixar fluir o que já se possui de conhecimento, o que já está internalizado em si, e deixar o corpo falar à sua própria maneira.

Diversos autores apontam como a E.C. é importante para trabalhar a influência que o mundo externo possui sobre um indivíduo. Ao aplicar uma aula nesta área, é necessário ter em mente que o objetivo é o brincar com o corpo, deixando o interior assumir o controle do momento. Segundo Varanda (2012, p.130), o aluno deve ser “[...] preparado para saber representar a sua vivência e o seu interior, tendo conhecimento dos outros, identificando e selecionando movimentos apropriados à sua atuação de forma mais simples, livre[...]”. O corpo é, segundo o autor “[...] o canal pelo qual o indivíduo se expressa e se comunica através dos movimentos, visando que os mesmos sejam sinônimos de prazer e bem estar, [...] veículo através do qual possa mostrar-se e expressar-se ao mundo”.

[...] deve dar prioridade aos alunos para o desenvolvimento dos movimentos naturais, trabalhando as qualidades lúdicas deles, e ainda, oportunizar suas manifestações criativas como fontes de comunicação e do poder da expressão corporal, e agregando ainda os quatro impulsos primários que o indivíduo possui: sentimento, ritmo, movimento e expressão, onde todos unidos formarão a base para o estímulo da dança. (VARANDA, 2012, p.137)

Em conclusão, o trabalho de E.C. se torna imprescindível na vida de um indivíduo, pois visa benefícios para o mesmo. Este trabalho não necessariamente terá que ser realizado em conjunto com a dança, pois existem diversos modos de se trabalhar a mesma, porém, a dança, de forma onde a técnica não é priorizada, se mostra como um ótimo veículo para que haja todo esse trabalho.

E certo afirmar que este autoconhecimento não se restringe as pessoas sem nenhuma deficiência, pelo contrário, as PCD também possuem experiências, vivências e ideias que precisam sair do interior e se estender ao mundo externo. E mesmo se a dança for o recurso usado para alcançar a E.C., qualquer indivíduo independente de sua limitação, pode encontrar sua movimentação própria. O trabalho de inclusão dentro da arte, que vem ocorrendo desde a década de 90,

conhecido como Dança Inclusiva, presa muito mais todo o processo desenvolvido, do que o resultado final. O trabalho pode ser desenvolvido da mesma maneira, através dos movimentos cotidianos, buscando a expressão que cada um possui e tentando colocá-la para fora com o objetivo de trabalhar as relações interpessoais.

3.3. Relações Interpessoais

Os estudos sobre o comportamento humano e a interação de um indivíduo com o outro se iniciou há muito tempo com a necessidade de compreender melhor a natureza humana através das relações em sociedade. Para se constituir, o homem necessita se relacionar com um ou mais indivíduos e com o meio o qual o mesmo está inserido. Um indivíduo só se constrói ao conviver em sociedade, e a sociedade só existe a partir do coletivo humano.

As relações interpessoais são consideradas essenciais para o desenvolvimento de um indivíduo, e as mesmas podem ser estabelecidas através da comunicação seja ela oral, linguística, corporal, etc. O significado desse termo está ligado à interação e a mesma quer dizer agir mutuamente, sendo assim qualquer ação mútua é uma interação ou relacionamento. Aranha (1993, p.23) citando Hinde (1976), explica que “[...] a relação é um fenômeno que envolve algum tipo de interação intermitente entre duas pessoas, envolvendo intercâmbios durante um período relativamente extenso de tempo”. Estabelecer um laço com os que lhe rodeiam é algo de grande importância para a constituição cognitiva, motora e também afetiva de um indivíduo.

A questão dos relacionamentos interpessoais, e de sua inerente dimensão emocional, é crucial para a vida associada, pois são esses processos interativos que formam o conjunto de sistemas que a organizam. As condições em que ocorrem tais relacionamentos definem a forma de convivência entre os seres humanos, que são seres de relações, e destes com a natureza. Fazem a diferença entre sofrimento e bem-estar e definem como a vida social é construída em seu cotidiano.

As relações interpessoais vão além da socialização, da interação com outros indivíduos, pois a mesma acaba por promover um autoconhecimento, ou seja, o indivíduo passa a conhecer a si próprio. Ao se conhecer melhor, um indivíduo consegue se expressar e se comportar de uma maneira diferente com o que e com quem se relaciona em seu dia a dia, aprendendo a manter um respeito maior a outros seres vivos, pois aprendem a aceitar regras que são estabelecidas assim como passam a reconhecer e respeitar os direitos de cada um. De acordo com Aranha (1993, p.20) no início dos estudos relacionados a esse conceito, ainda no séc. XIX, o interesse maior era estudar as relações em grupos para perceber os efeitos resultantes no comportamento humano, pois assim “Pressupunha-se que a identificação de características comuns encontradas nos indivíduos em diferentes grupos e em diferentes contextos levaria ao conhecimento da natureza humana”. É possível concluir que as relações interpessoais acabam por influenciar o relacionamento com o próximo e ao mesmo tempo consigo mesmo.

Hinde (1976, apud Aranha, 1993, p.22), explica como as relações cotidianas apresentam um caráter “[...] cumulativo no desenvolvimento e na caracterização dos indivíduos[...]”, e também explica que há um “[...] grau de continuidade entre as interações sucessivas, de forma que cada interação é afetada pelas interações passadas e podem afetar as interações no futuro”.

É importante salientar que as relações se estabelecem/surgem a partir da comunicação entre os indivíduos, que podem ocorrer de diversas formas - verbal, auditiva, corporal, visual e linguística. De acordo com Souza e Ramos (2004), a comunicação não realizada através de palavras possui grande efeito nas relações interpessoais, a qual é necessário tomar grande cuidado ao executá-la.

Silva et al. (2007, p.2) reforçam a ideia já existente de Souza e Ramos e complementam dizendo que “[...] as atividades coletivas e pré-determinadas, bem

como interações e sentimentos recomendados, tais como: comunicação, cooperação, respeito, amizade, etc.”, se forem levados em consideração trarão uma boa promoção das relações interpessoais, pois tais relações irão decidir a vida em/de uma sociedade.

Os autores Leitão, Fortunato e Freitas (2006, p.889), explicam como em qualquer ato de um ser humano há uma emoção que o defina sendo esta que possibilita então a ação. Por ter esta relação com a emoção, mostra como o interagir com o outro engloba o indivíduo por completo, muito mais do que algo racional para poder permitir o convívio em sociedade. Por este motivo, é necessário que as relações entre os indivíduos sejam desenvolvidas de uma forma pacífica gerando um clima positivo no ambiente/meio em questão, possibilitando um bom relacionamento entre os membros do mesmo. É a partir desses relacionamentos que cada indivíduo desenvolverá sua personalidade própria, absorvendo os valores e costumes de seu meio e assim construindo sua própria história. Porém, não pode ser ignorado o fato de que cada um necessita desenvolver a habilidade de criticar e ser capaz de ter uma visão pessoal a respeito de tudo que lhe envolve e rodeia.

Neste sentido de acordo com Schmidt e Godoi (2008) emoção é a expressão de experiências, necessidades e interesses que são comuns ao ambiente e às estruturas sociais e, em decorrência disso, serão sempre submetidas a aspectos referente a sua cultura. O sujeito demonstra o valor que atribui ao outro pelos sentimentos que manifesta, e, de acordo com este valor atribuído, os comportamentos são estruturados. Tais sentimentos são estimulados por relações objetivas e reais entre as pessoas. (CARDOSO; SILVA, 2014, p.27)

As emoções dão suporte às relações interpessoais, sendo assim, ambos são de grande importância para o desenvolvimento comportamental de um indivíduo ao longo da vida. Assim podemos inferir que a maneira como um indivíduo se relaciona com outro; as atitudes e comportamentos; as ações que o mesmo exerce e que acabam influenciando-o nesta interação, são as relações interpessoais de um ser humano.

Sendo assim, a dança se mostra uma boa ferramenta para facilitar o desenvolvimento das interações de um indivíduo com outro.

3.3.1 Relações Interpessoais e a Dança

Através de vários estudos já foi comprovado que a dança é uma caminho bom para o desenvolvimento das relações interpessoais, pois proporciona melhorias na “[...] capacidade motora, articular, muscular e cardiorrespiratória, permitindo um conjunto de movimentos mais amplo, maior colaboração e cooperação, aumento na capacidade de comunicação e melhora na autoestima”. (NANNI, 2001, p.115). As autoras, Souza e Metzner (2013, p.10) prosseguem complementando como esta prática “[...] facilita o convívio em grupo, a integração e o fortalecimento de amizades [...]”.

Souza e Metzner (2013, p.10), explicam que a dança e outras atividades recreativas que acontecem de modo coletivo estimulam a solidariedade e possibilitam a socialização que é grande instância para um indivíduo. De acordo com Gobbo (2005), esta prática pode trazer diversos benefícios para a vida de um indivíduo, mas quando tratamos das relações interpessoais é onde a mesma mais se destaca mostrando melhor eficiência. Ainda de acordo com o autor, uma pessoa ao entrar em contato com a prática da dança se torna um indivíduo mais suscetível ao se relacionar com outros, ou seja, passa a desenvolver as relações interpessoais. Souza e Metzner (2013, p. 11) reforçam esta ideia dizendo que a dança “[...] proporciona o fortalecimento do lado emocional, fazendo com que os praticantes dessa atividade melhorem suas relações pessoais”. Ela permite aos seus praticantes, explorarem suas capacidades expressivas:

A dança envolve uma sensibilidade coletiva – um sentir em comum – porque não prescinde, em nenhum momento, do outro. Ao contrário, precisa do outro – seja como parceiro ou como espectador – para se realizar em sua plenitude. A dança brinca, através dos movimentos, no

corpo de quem dança. E brinca, também, no corpo de quem assiste, estabelecendo uma relação pautada, principalmente, pela sensibilidade. (TODARO; FILHO, 2003, p.120)

Nascimento (2011), reforça a ideia da importância da dança ao dizer que esta promove de uma maneira mais fácil o contato e também a socialização, pois a mesma promove uma aprendizagem sobre história e cultura das diferentes danças existentes, dos diferentes povos e costumes que estão presentes no conteúdo desta linguagem artística mostrando, assim, a necessidade de respeitar o que é diferente para o indivíduo. Mello et al. (2016, p.7) reforça que a “[...] a dança tem papel social e inclusivo, uma vez que a mesma permite ações coletivas que abrangem a inclusão de todos, bem como a socialização [...]”.

A integração individual e coletiva é ativada também pela dança, uma vez que a mesma favorece a expressão corporal, exercitando atenção, percepção, colaboração e solidariedade. Essas ações por sua vez desenvolvem habilidades importantes para o desenvolvimento cognitivo e educacional do discente. A criança ao dançar, desenvolve uma consciência corporal diferenciada, construindo uma imagem de seu corpo, onde estes aspectos tornam-se essenciais para o crescimento individual, além de permitir um contato coletivo mais abrangente com consciência social aflorada. A dança é uma atividade que atrai, anima e ajuda em muitos aspectos da vida social. (MELLO et al., 2016, p.7)

Jesus (2005, p.58-59), diz que “As pessoas querem aprender a dançar para se relacionar melhor em grupo. Percebo que, à medida que vão vencendo suas próprias barreiras e preconceitos, a transformação vai acontecendo”. É importante salientar que a dança é uma das maneiras mais antigas de comunicação desenvolvida pelo ser humano. De acordo com Silva (2012, p.17) esta pode ser, “[...] considerada uma das primeiras manifestações registradas de comportamento e comunicação da humanidade, persistindo, retratando e adaptando-se as necessidades, interesses, ansiedades de cada grupo e de cada época”.

Silva et. al. (2000, p.52) diz que a comunicação pode ser um “processo de interação no qual compartilhamos mensagens, ideias, sentimentos e

emoções, podendo influenciar o comportamento das pessoas que, por sua vez, reagem a partir de suas crenças, valores, história de vida e cultura”. Por fim, ressalta-se que:

A dança é um rito – um ritual sagrado e um ritual social – e está na origem de toda significação humana. (Garaudy, 1980), como se fosse um meio de interação social e realmente se observa isso. Quando temos um grande número de pessoas dançando observa-se que a música e a dança acabam fazendo com que os corpos se mexam e as faces se transformem em alegria simultaneamente, raramente se observa alguém fazendo careta ao som de uma boa música. E quanto à significação humana a dança é um meio de demonstrar a importância de pessoas, e lugares e demonstrar uma região com o folclore. (SILVA, 2013, p.10)

A dança então possui um caráter integrativo, pois todos, à sua própria maneira, estão aptos a dançar e ela abre espaço para que isto aconteça, ela promove a inclusão através da busca pela capacidade expressiva e crítica do indivíduo. Segundo Gouveia (2014), há estudos que comprovam que a dança inclusiva contribui para a melhoria a nível físico, sensorial, cognitivo, etc. E ainda de acordo com a autora, esta prática, é um ótimo veículo para o desenvolvimento da inclusão social.

3.3.2. Relações Interpessoais e Inclusão

Hoje em dia há uma grande discussão sobre o tema de inclusão de PCD na sociedade, pois os mesmos convivem dia a dia com um forte processo de exclusão. Tal situação já acontece de longa data, onde desde o passado, há mais de um século atrás, pessoas que apresentassem alguma deficiência eram proibidas de participar da sociedade em que se encontravam.

Foram identificadas, a partir de uma extensa revisão de literatura, seis formas predominantes de se ver a deficiência ao longo do tempo e constatado que essas concepções de deficiência tinham um impacto nas possibilidades de inserção social das PCD. Os pesquisadores verificaram também que, ainda que as formas de se ver a deficiência fossem se modificando ao longo da história, elas guardavam sempre a

possibilidade de reaparecerem e mesmo coexistirem com as novas concepções de deficiência que surgiam. (ASSIS, 2012, p.23)

Com um passado conturbado, e um presente apesar de mostrar melhoras em relação à vida em sociedade para com o PCD, este não alcançou o status ideal no mundo das relações interpessoais e na sociedade, havendo ainda muita discriminação pela mesma, sendo esta a causa de tanta discussão a respeito da inclusão.

A matriz baseada na inclusão desloca a deficiência de um problema individual para um problema social, focalizando a percepção das pessoas quanto à necessidade de adaptação dos instrumentos e condições de trabalho para a inserção. A deficiência aqui é encarada como um problema da sociedade, gerado pela ausência de condições de igualdade, o que dificulta para as PCD demonstrarem seu desempenho e todo seu potencial. (ASSIS, 2012, p.24)

A inclusão é de grande importância para a promoção das relações interpessoais das PCD pois ao serem inseridos na sociedade, possuindo os mesmos direitos que todos, serem reconhecidos como iguais quanto a direitos e deveres, se tornará algo mais fácil de acontecer. De acordo com Sampaio e Sampaio (2009, p.30), “Um mundo inclusivo é, portanto, um mundo no qual todas as pessoas têm acesso às oportunidades de ser e estar na sociedade”. As autoras defendem a ideia da mescla de pessoas com e sem deficiência em suas convivências cotidianas:

É nesta perspectiva que se destaca a importância de estudos sobre a escola inclusiva enquanto contexto de desenvolvimento significativo não apenas para as crianças com deficiência, mas também para crianças sem deficiência, pela possibilidade da convivência com a diversidade e do estímulo à cidadania. (SAMPAIO; SAMPAIO, 2009, p.31)

Sendo assim, as autoras explicam a importância da mistura das PCD com o resto da sociedade já no início da vida, ainda quando crianças gerando uma conscientização à todos a respeito da importância da não segregação, e tal ação sendo de grande impacto para a promoção da socialização dos mesmos. Assim,

“[...] a proposta da educação inclusiva contribui para que a escola se afirme não só como o espaço para a necessária e imprescindível construção do conhecimento, mas também para o exercício da socialização e a cidadania de seus alunos”. (SAMPAIO e SAMPAIO, 2009, p.91)

Porém, este trabalho deve estar presente em todos os ambientes e não se restringir somente as escolas. A inserção e a promoção da aceitação de PCD devem acontecer em espaços públicos, escolas, locais de trabalho, etc. Silva (2007, p.24) explica como a promoção das relações interpessoais é de muita importância para o desenvolvimento de indivíduos com alguma deficiência, pois “O comportamento essencial para o desenvolvimento de uma criança excepcional segundo vários pesquisadores será de um tratamento seguro, amoroso, responsável, de valorização da autoestima, socialização”. Ainda de acordo com a autora, a interação social possui um papel de destaque, pois permite ao indivíduo a “[...] ser sujeito de seu desenvolvimento que visa a superação de etapas com novas aquisições de forma histórica transformando a si mesmo e o ambiente em que está inserido”(p.19).

É importante salientar para que este processo seja concretizado, a forma de pensar e agir da população deve mudar. Para Sá e Rabinovich. (2006, p.69), “O processo de inclusão exige que haja transformações não somente no ambiente físico, como também na mentalidade das pessoas, devendo a sociedade se adaptar para incluir as pessoas com deficiência [...]”.

É possível concluir que “[...] a inclusão abre caminhos para a formação de novas subjetividades, novos arranjos identitários, construídos no encontro com a diferença, possibilitando a configuração de novas relações interpessoais”. (SANTOS, SILVA e SANTOS, 2010, p81). A inclusão é importante para a vida de todos, independente do público que esteja inserido.

4. Metodologia

O presente estudo possui uma natureza descritiva e escolheu-se o Estudo de Caso com o objetivo de registrar, observar, analisar e relacionar fatos associados a inter-relação dos participantes por meio da dança (expressão corporal) e dos jogos lúdicos de diferentes indivíduos com diferentes diagnósticos de deficiência da APAE de Viçosa-MG, e desta maneira montar um Programa Didático Pedagógico em Dança Lúdica (Apêndice 01) para este público.

Pode-se dizer que os estudos de caso têm algumas características em comum: são descrições complexas e holísticas de uma realidade, que envolvem um grande conjunto de dados; os dados são obtidos basicamente por observação pessoal; o estilo de relato é informal, narrativo, e traz ilustrações, alusões e metáforas; as comparações feitas são mais implícitas do que explícitas; os temas e hipóteses são importantes, mas são subordinados à compreensão do caso. Assim, um estudo de caso é mais indicado para aumentar a compreensão de um fenômeno do que para delimitá-lo. (CÉSAR, 2005, p.6)

Esta pesquisa estudou diversos indivíduos e suas características próprias, porém, todo momento seu tema ainda ostentou um coletivo, assumindo então característica de estudo de caso. Segundo César (2005, p.3), pesquisas em que o objetivo aparece como “[...] a compreensão, ampliação da experiência” o estudo de caso se torna uma vantagem na hora de realizar o trabalho. Sobre este tipo de pesquisa, o mesmo autor considera que “[...] o aspecto mais interessante de sua natureza: é ele epistemologicamente em harmonia com a experiência daqueles que com ele estão envolvidos [...]”.

Segundo Yin (2005 *apud* TEXEIRA, 2015, p.29), este tipo de pesquisa é de grande importância para a área de Ciências Humanas e Artes, pois a mesma possibilita a aproximação do pesquisador ao fenômeno que está sendo estudado, “Neste sentido, o estudo de caso permite que o pesquisador investigue de forma mais profunda buscando uma completa descrição e compreensão dos

acontecimentos”.

Com o estudo de caso a partir das práticas com dança lúdica, buscou-se o desenvolvimento e aprimoramento de movimentações corporais e faciais que cada aluno possui; maior controle dos mesmos além de exercitar a faculdade imaginária e criativa dos alunos e facilitar o desenvolvimento das relações interpessoais.

4.1. Participantes

A pesquisa foi realizada com os alunos da APAE de Viçosa – MG. O contato com a mesma se deu através da orientadora desta pesquisa que apresentou a coordenadora pedagógica da instituição para a pesquisadora do trabalho, sendo decidido assim um horário para serem realizadas as aulas já com uma turma específica da APAE. Uma turma com no total 8 alunos (sendo 6 participantes do sexo masculino com a faixa etária de 15 a 26 anos, e duas participantes do sexo feminino, com 16 e 44 anos) apresentando diversas deficiências: deficiência intelectual; diplegia espástica; paralisia cerebral discinética e paralisia cerebral; deficiência auditiva; paraplegia; tetraplegia; autismo infantil; síndrome de *Down*. Os diagnósticos dos alunos participantes foram dados vindos da APAE junto com outras informações, como nome e idade.

Para a realização da pesquisa foi solicitada a autorização do responsável pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do responsável – (TCLE do responsável – Anexo 1) para os menores de 18 anos e o Termo de Assentimento (Anexo 2) mais o TCLE do responsável para os alunos maiores de 18 anos. Este estudo foi aprovado pelo comitê de ética (Anexo 3) da Universidade Federal de Viçosa – MG garantido o sigilo e a integridade dos participantes da pesquisa. Para tanto, todos os participantes foram identificados apenas pelas iniciais de seus respectivos nomes.

Para serem incluídos no estudo os participantes tinham que ser alunos da APAE de Viçosa - MG, e que tivessem frequência maior e igual a 60% nas aulas práticas.

4.2. Local da Pesquisa e Riscos

As aulas práticas aplicadas na pesquisa aconteceram na APAE de Viçosa – MG, local de costume dos alunos onde frequentam todos os dias.

Para as práticas com dança foi possível utilizar duas áreas da instituição: uma delas é a própria sala de aula da turma, porém, era um espaço bem reduzido e com muita mobília. O segundo espaço era uma área externa que possuía um chão de cimento. O empecilho deste local era o sol que cobria a maior parte da área durante o horário da aula que era realizada uma vez por semana pela manhã.

Os riscos envolvidos na pesquisa ficaram relacionados às quedas que pudessem ocorrer com as atividades que requeriam deslocamento dos alunos durante as aulas. Como prevenções, as atividades foram preparadas com a tentativa de evitar ao máximo este tipo de acidente. Todavia a pesquisadora sempre teve em todas as aulas práticas, em sua posse, um Kit de primeiros socorros contendo: embalagens de curativos esterilizados, embalagem de band-aid; embalagens de gazes esterilizadas, embalagem de algodão, rolo de fita adesiva e ataduras; 1 termômetro, 1 pinça e 1 tesoura; frasco de soro fisiológico a 0.9% e luvas descartáveis, caso houvesse um ferimento como arranhões ou cortes superficiais. Caso de uma queda de maior risco seria acionado a ambulância ou o corpo de bombeiro para que todas as providências de encaminhamento para o Hospital São João Batista fosse providenciada, o que não foi necessário. Contou-se, também, com a equipe da APAE e seus kits para primeiro socorrismo. Cabe destacar que as atividades de Dança Lúdica, por mais que possuam uma característica de brincadeira, a mesma não ofereceu grandes riscos aos

participantes, pois são de caráter livre, respeitando assim o ritmo de cada indivíduo.

4.3. Apresentação do Trabalho Prático

Todas as aulas iniciaram por meio de um aquecimento, aonde os alunos que conduziam. A cada participante era pedido ao menos um exercício dentro do repertório de movimentos que eles já possuíam, para preparar o corpo para as atividades. Quando necessário havia intervenção da pesquisadora, apresentando uma ideia do que poderia ser feito ou que parte do corpo poderia ser trabalhada. O aquecimento foi uma maneira encontrada de já iniciar o trabalho dando voz aos alunos, permitindo que os mesmos escolhessem o que gostariam de realizar naquele momento (Expressão Corporal + Criatividade).

Dando continuidade, as aulas possuíam diversas atividades que objetivavam o desenvolvimento de uma ou mais dos seguintes tópicos:

1. Relações Interpessoais

Para que houvesse um melhor entrosamento entre os alunos, foram aplicadas atividades⁶ que requeria o trabalho em duplas, trios ou grupos. Em certos momentos eles escolhiam os próprios parceiros, em outros a pesquisadora decidia quem trabalharia com quem, para que desta maneira pudesse haver diversificação entre eles durante as aulas, fazendo com que os mesmos experimentassem diferentes maneiras de trabalhar com os diferentes colegas.

Em várias aulas os alunos tiveram que ensinar para os colegas as movimentações que os mesmos haviam criados, em alguns momentos para um único colega em outros para a turma inteira.

6 Exemplos de atividades: Massagem; Criar a movimentação e ensinar para o(s) colega(s); Marionete humano; Labirinto de mãos dadas; Abraço coletivo em deslocamento; Estátua em conjunto; Siga o mestre; etc.



Fig 1 - Aluno JR. demonstrando a movimentação que criou para que todos da turma realizassem juntos. Fonte: da autora

Foram necessários, também, momentos de conversas explicando a necessidade de compreenderem a limitação dos outros e respeitá-las, e que descobrissem como trabalhar com estas limitações. E, também, sobre situações em que era solicitado que um aluno ajudasse os outros.



Fig 2 – Momento inicial da aula de conversa e explicação da atividade. Fonte: da autora

2. Expressão Corporal - Realização e Compreensão das Atividades - Criatividade

A expressão corporal envolvia a autonomia dos alunos, suas coordenações motoras, o modo de realizar as atividades propostas e o desenvolvimento da criatividade dos mesmos. A criatividade, ao ser trabalhada estava em conjunto constante com a autonomia de cada aluno. Ela surgia por meio da expressão própria de cada um e das reações as atividades, de cada aluno. Para as realizações das aulas tanto a expressão corporal, quanto a criatividade estavam presentes todo momento.

Para alcançarmos esses elementos, as aulas foram criadas com o intuito de proporcionar a liberdade de expressão, criatividade a vontade em participar das atividades. Os alunos eram estimulados a darem a primeira palavra, o primeiro movimento, e não esperar pelo modelo da pesquisadora/professora. Eles eram sempre instigados a responder a pergunta sobre o que podia ser feito, porém, não havia exemplos, não lhes era dito o como fazer, pois os mesmos deveriam encontrar suas próprias maneiras dentro de sala de aula. A pesquisadora/professora sempre deu auxílio se necessário, mas sempre com o intuito de mostrar a eles que eles poderiam realizar tudo por conta própria. Muitas vezes, acontecia da pesquisadora direcionar o aluno, e partir das mais simples expressões corporais vindas dos participantes. A pesquisadora transformava um simples gesto em um movimento coerente ao que estava sendo proposto pelos alunos, com a intenção de mostrar que a movimentação partiu deles. Mostrando que os mesmos tinham a capacidade de criar.

3. Interesse pela Dança/Aula

Para desenvolver este interesse, os alunos sempre possuíam muita voz

dentro da aula. Eles sempre possuíram espaço para desenvolverem os gêneros de dança que gostariam, e sempre puderam criar a sua própria maneira. Apesar das atividades terem uma estrutura, os alunos sempre obtiveram liberdade para expressar suas vontades dentro da aula. Se havia o pedido para realizar a mesma atividade mais de uma vez, era permitido, as escolhas das duplas, os gêneros de danças que eles gostariam de trazer para aula, tudo era escutado e acolhido se possível.

Nas atividades estava muito presente, também, o momento de comando dos alunos, onde um assumia o controle da atividade e passava para os seus colegas. Não era algo que acontecia em todas as aulas, mas diversas vezes o comando do exercício ou da atividade foi cedido a um ou mais alunos.

Outra característica das atividades era os desafios presentes nas mesmas, os quais faziam com o que o aluno prendesse sua atenção na atividade para conseguir acompanhá-la e realizá-la.

4.4. Instrumentos de pesquisa

Os dados coletados desta pesquisa se deram por meio de observação das aulas práticas de Dança Lúdica aplicada uma vez por semana, com duração de 50 minutos, durante quatro meses.

Para que a observação fosse realizada de uma maneira mais organizada, um roteiro foi estruturado para que fosse seguido em todas as aulas, possibilitando a coleta de dados de uma maneira mais eficiente. E para que esta observação pudesse acontecer de maneira mais minuciosa, todas as aulas foram filmadas, com o auxílio de uma câmera digital, para que as mesmas pudessem ser analisadas quantas vezes fossem necessárias.

Em todas as aulas foi observado;

a) Mudança nas relações interpessoais com os colegas – o intuito era de

desenvolver as relações entre os indivíduos dentro de sala de aula pelo programa didático pedagógico em dança lúdica que continha diversas atividades, onde o trabalho coletivo foi requisitado. Desta maneira, no desenvolver da pesquisa, foi analisado como se apresentavam essas relações em aula, e como os alunos se sentiam ao se relacionarem uns com os outros;

b) Desenvolvimento da coordenação motora – analisar o controle que cada indivíduo possuía sobre sua própria movimentação. Neste quesito, foi observado se o programa didático pedagógico proporcionou uma maior amplitude de movimento, um alívio das tensões musculares e uma facilidade em movimentar mais de uma parte do corpo ao mesmo tempo;

c) Compreensão das atividades propostas – o intuito foi de trabalhar a cognição dos participantes, analisando a atenção, a percepção e entendimento das atividades em aula. Examinar como os alunos desenvolveram sua compreensão a respeito dos elementos propostos pelo pesquisador/professor;

d) Realização das atividades – analisar a facilidade e dificuldade que os alunos tiveram para realizar o que foi proposto em sala de aula;

e) Interesse pela aula – perceber se houve uma alteração em questão do prazer e simpatia em participar das aulas propostas no decorrer da pesquisa;

f) Desenvolvimento da criatividade – analisar a capacidade de criar independentemente do modelo do professor, ou, a partir do modelo, dar continuidade por conta própria trazendo movimentos autorais;

g) Interesse e gosto pela dança – examinar o impacto do programa didático

pedagógico com os alunos em relação ao entusiasmo, curiosidade e disposição por aulas de dança e a área em si. Esta percepção se deu pelo interesse demonstrado em aula.

4.5. Tratamento dos dados

Primeiramente os dados levantados foram reunidos e tratados por meio da análise de conteúdo. Este método possibilitou uma análise geral dos dados obtidos de tudo que foi observado e analisado nas imagens das filmagens das aulas e foi de extrema importância, pois o mesmo auxiliou na separação das variáveis primárias e secundárias. Este método consiste em encontrar não somente as respostas que estão visíveis a nós, mas também, de acordo com Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014, p.15), a “[...] uma realidade invisível, que pode se manifestar apenas nas ‘entrelinhas’ do texto, com vários significados”. No caso de nosso estudo nas entrelinhas das imagens de nossas aulas para gerar o desenvolvimento da E.C, e da interação entre os alunos. Assim sendo, é importante ressaltar que cada participante pode ter uma reação diferente, então essa análise não poderia ser feita de uma forma ampla, mas sim, analisando cada perfil e características apresentadas de cada aluno.

Quanto aos dados observados, por meio das filmagens das aulas, cabe destacar que estes, também, foram registrados conforme o roteiro de observação para que pudéssemos construir, assim, uma análise do desenvolvimento dos alunos do primeiro dia até o último, observando a evolução de cada indivíduo em cada ponto proposto.

Além da coleta de dados a respeito do desenvolvimento de cada aluno, também foi analisada a eficácia das aulas, para a verificação da viabilidade do programa didático pedagógico que foi proposto, visando o aprimoramento da expressão corporal dos participantes, o desenvolvimento das relações interpessoais

e o interesse pela dança de cada um deles. As aulas foram descritas, atividade por atividade, sendo apontados em cada uma pela pesquisadora, seus aspectos sejam eles positivos ou negativos, de uma maneira que pudessem ser selecionados as variáveis significativas para a reflexão e crítica.

É de grande importância ter em mente, que não se tem a pretensão do material que foi construído com a pesquisa aqui em questão, virar uma cartilha. Ela tem como objetivo reunir informações do que se mostrou mais eficiente ao ser aplicado a este público, apresentadas a partir de uma experiência anterior que obteve resultados positivos, porém, a mesma, pode possuir resultados divergentes com diferentes indivíduos – outras pessoas.

5. Análise e Discussão dos Dados

Para a realização da análise e discussão dos dados foi considerado como a melhor alternativa dividir o capítulo em dois momentos:

1. Influência do programa didático pedagógico, que teve o intuito de trazer os resultados das atividades realizadas em cada elemento abordado, explicitando assim as que apresentaram mais êxito com os participantes e se mostraram mais forte no programa. Este momento foi assim subdividido em mais dois subcapítulos: a) Sobre a Expressão Corporal; b) Sobre as Relações Interpessoais.
2. Desenvolvimento do interesse pela Dança a partir do programa, onde o intuito foi explicar como os alunos passaram a encarar a disciplina “Dança” (grifo nosso) após terem tido contato com o trabalho desenvolvido.

As descrições em ambos os momentos foram realizadas da mesma maneira: primeiramente aluno por aluno foi citado por apenas a primeira letra de seus nomes, e em seguida foi descrito o desenvolvimento de cada um. Os participantes que apresentaram resultados positivos em relação ao trabalho são

expostos primeiro enquanto os que obtiveram resultados negativos são analisados por último, como uma forma de padronizar a análise. Em conjunto com a análise, os pontos considerados de maior importância foram discutidos tendo como base autores reforçando os temas levantados.

5.1. Programa Didático Pedagógico

O intuito do programa didático pedagógico construído na presente pesquisa era de fornecer para qualquer pessoa que realize um trabalho em dança lúdica com pessoas com deficiência, um encaminhamento de atividades que podem ser trabalhadas.

As atividades foram desenvolvidas de uma maneira que possa ser trabalhada com todas as deficiências existentes, de forma individual ou em turma mista, que apresente mais de uma deficiência.

O Programa desenvolvido visa trabalhar com seus participantes: a ampliação de suas expressões corporais; desenvolver as habilidades de suas relações interpessoais; e o desenvolvimento do interesse/gosto pela dança após ter tido contato com a mesma.

5.1.1 Sobre a Expressão Corporal

Durante todas as aulas desenvolvidas na APAE de Viçosa foi possível perceber como a dança influencia na vida de um indivíduo de diferentes formas. Nos quesitos analisados, a E.C. mostrou bons resultados com a maior parte dos alunos participantes da pesquisa do programa didático pedagógico, onde foi possível perceber o surgimento de novas movimentações, melhora da coordenação motora, mais autonomia em relação aos movimentos, etc. Porém, houveram aqueles que o programa acabou não surtindo muito efeito, e os mesmos se mantiveram de maneira estagnada em relação às suas expressões corporais, não

apresentando assim muito crescimento no decorrer do trabalho, que foi o caso do aluno P. e D. que se mostraram de maneira igual do início ao fim do trabalho. Sendo assim, 6 dentre os 8 participantes da pesquisa apresentaram uma evolução no quesito da E.C. enquanto apenas 2 não demonstraram crescimento neste caso.

Todas as atividades propostas visavam o máximo de autonomia possível aos alunos. Os mesmos foram estimulados a desenvolverem movimentações próprias com o intuito de expressarem suas ânsias momentâneas. Foram aplicadas também práticas onde a pesquisadora/professora direcionava o andamento da mesma, mas esse caráter livre ao se movimentar se mantinha a todo instante.

Como explicado anteriormente, as aulas desde o aquecimento já se caracterizavam por estimular os desejos dos participantes em como se mover. Em conjunto com o mesmo, a JAM Session⁷ também procurava trabalhar este mesmo quesito. Um recurso para aulas que se mostrou de grande importância para a obtenção de bons resultados foi o uso de material didático-pedagógico nas atividades e também a possibilidade de haver direcionamento por parte da pesquisadora/professora, do que deveria/poderia ser realizado naquele momento.

7 JAM Session: os dançarinos se posicionam em forma de círculo, enquanto um dos condutores da ação, ou organizadores do evento, expõe aos participantes as regras pelas quais se entra e sai do círculo. Conforme o condutor há a possibilidade de escolher o número de pessoas que podem estar dentro do círculo, momentos de entrada e saída, tema a ser estudado, o tempo de permanência e a duração da improvisação no círculo. Das sessões de improvisação, podem participar desde dançarinos, músicos, atores, até pessoas comuns com alguma experiência no movimento corporal, desde que compreenda os parâmetros estipulados pelo condutor da roda de improvisação. (FARIA, 2011, p.11) OBS: nas aulas aplicadas, a essência da dinâmica se manteve, como ir ao centro ou somente realizar a movimentação desejada, porém, não era estipulada nenhuma regra de entrada, saída, etc.



Fig 3 – Aluno B. Ao centro da roda realizando a atividade da JAM Session. Fonte: da autora.

De todas as atividades do programa três apresentaram melhores resultados em relação E. C:

a) Imagens com comandos de como se movimentar: nesta atividade várias fotos com diferentes imagens (Fig. 4) foram expostas para os alunos. No verso das fotos havia instruções de como a movimentação deveria acontecer: usar um braço só, dançar com um colega, movimentar a perna esquerda, etc. Os alunos poderiam escolher, também, a foto de seu gosto, e então realizar o comando que estava no verso. A pesquisadora/professora também direcionava, orientando-os que ensinassem as movimentações para os outros colegas.

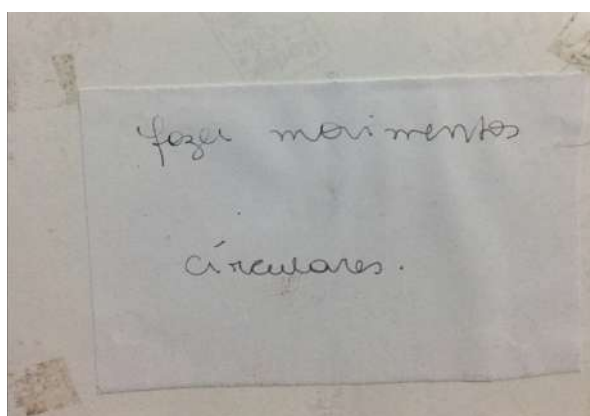


Fig. 4 - Exemplo da imagem que foi ofertada para os alunos e no verso a ação que tinham que realizar. Fonte: Internet⁸; da autora.

Esta atividade teve grande adesão da maior parte dos alunos. O aluno B. não teve dificuldade em realizar os movimentos, soube adaptar bem seu corpo para o exercício. Não costumava se expressar com muita criatividade, mas ao escolher a imagem, realizou o comando de maneira própria. O aluno em sua expressão facial demonstrou muito entusiasmo com tudo que acontecia ao seu redor. Durante a atividade a pesquisadora/professora pôde perceber como o aluno

⁸ <https://www.tumblr.com/search/agnes%20meu%20malvado%20favorito>

se desafiava para realizar o que era pedido, para abaixar e pegar a imagem que estava ao chão, sendo que esta movimentação era de grande dificuldade para o mesmo. Outro detalhe que se destacou foi o seu comportamento ao realizar a atividade com outro colega, pois sua motivação aumentava quando havia necessidade de trabalhar em dupla ou em grupos.

Já a aluna T. possui uma movimentação bem lenta devido à deficiência. Ela conseguia realizar tudo que era pedido a partir do momento que não seja em pé, pois a mesma não consegue sustentar o peso de seu corpo sobre suas pernas. Sendo assim, há momentos em que sua movimentação necessitava ser passiva por possuir os cotovelos mãos e punhos muito rígidos, e precisar de uma ajuda externa dependendo do tamanho da extensão exigida do membro. Como rotacionar os pulsos que T. não executa tal movimentação sozinha. Ela possui muita dificuldade de estender os braços ao alto em consequência da rigidez dos cotovelos. Mas T. entende tudo que lhe é dito e o que deve ser feito, escolheu as fotos por conta própria e criou a movimentação de acordo com o comando corretamente. Esta atividade permitiu que T. apresentasse sua capacidade criativa, como vence sua deficiência realizando tudo que fora pedido, mas a sua maneira e adaptando ao seu corpo. A mesma apresenta muito conhecimento do próprio corpo e suas limitações.

Apesar de T. e B possuírem uma deficiência física – Paralisia Cerebral – que afeta boa parte de seus movimentos corporais, a mesma não se apresenta como um empecilho para ambos na hora de realizar as atividades de dança. A dança, como já dito anteriormente, possui vertentes onde a técnica e a perfeição não são prezadas e um “corpo diferente” é procurado. Rebelo (2014) diz como as artes têm um importante papel na procura e no trabalho destes corpos. A autora continua dizendo que “As especificidades de cada corpo vão conquistando o seu lugar e, encarando cada corpo como sendo único, a sua forma de expressão também passa a ser única, valorizando-se a expressão pessoal e a diversidade que acarreta” (p.43).

As crianças com PC sofrem um impacto negativo na qualidade de vida referente aos aspectos físico e psicossocial. A dança para criança com PC é uma terapia que fornece um excelente estímulo para experimentação sensorial, ritmo, equilíbrio, coordenação, desenvolvimento motor e socialização. (SANTOS; BRAGA, 2010, p.440)

É possível concordar com Santos e Braga, pois dentro desta pesquisa pudemos observar que em ambos os participantes com paralisia cerebral apresentaram um bom desenvolvimento em relação a suas coordenações motoras, equilíbrio, socialização, etc.

Os alunos JR., JF. e G são bem desinibidos, e participam da atividade assiduamente. G. principalmente apresenta uma característica criativa muito grande, conseguindo pensar em movimentos cotidianos e levá-los para a dinâmica, o mesmo consegue pegar movimentos de outros indivíduos em sala de aula e atribuir uma característica mais performática ao mesmo. JR. também mostrou gostar muito de criar e o mesmo trouxe movimentações interessantes para aula. Estilizou seus movimentos já realizados anteriormente apresentando novas características aos mesmos, como o uso de diferentes níveis e velocidades em suas movimentações. Já o aluno JF. se manteve com movimentos que podem ser caracterizados como de costume do mesmo. Porém, com o desenvolver da atividade e o fato do mesma possuir direcionamento de como se movimentar, o aluno a partir de certo momento foi estimulado a realizar movimentações diferentes das quais estava acostumado, o que se mostrou não sendo empecilho para JF que realizou tudo de maneira correta até o fim do exercício. Os 3 alunos demonstraram muito interesse pelas imagens e pela oportunidade de escolher as de seu gosto, principalmente G, que ansiava por pegar uma nova imagem a todo momento.

O uso de fotos/imagens como ferramenta de ensino é bem comum, pois se mostra um recurso muito promissor. Segundo Santana, Lebrão e Nogueira

(2010, p.5), imagens/fotografias se mostram como boas ferramentas de ensino pois são “[...] eficazes e criativas que conscientizam de forma lúdica tanto os professores quanto os alunos, fazendo com que esses assimilem o conteúdo e se habilitem na realidade socioespacial estudada”. No caso da atividade aplicada na APAE, o conteúdo das imagens apresentadas aos alunos não era o objetivo principal, pois o mesmo serviu para permitir que os alunos escolhessem a foto que mais lhe agradassem, e a partir do seu gosto pessoal estimular a curiosidade a respeito do comando que continha no material escolhido por eles mesmos. Ou seja, por mais que eles escolhessem a imagem de sua preferência, o desafio que constasse na mesma deveria ser realizado por eles mesmo sem saberem qual seria, e muitas vezes a movimentação acabava fazendo com o que o aluno saísse da sua zona de conforto dando prazer, intenção e significado a imagem escolhida.

Esta ferramenta deve servir para orientar “[...] o indivíduo na expressão de suas potencialidades, conjugando uma série de atividades para desenvolver no educando sua capacidade crítica" (MACHADO, 1999 *apud.* Santana, Lebrão e Nogueira, 2010, p.6).

Na atividade aqui em questão foram usadas diversas imagens, onde algumas apresentavam características mais expressiva no movimento, ou seja, com mais intencionalidade, enquanto outras eram imagens midiáticas de maior conhecimento dos participantes, pois as mesmas são de mais fácil acesso e comuns de serem vistas em meios de comunicação pelos participantes no dia a dia.

Sendo o aluno com necessidades educacionais especiais não somente inserido num ambiente escolar, mas também no mundo, tem que ter a oportunidade e o direito de ser incentivado a compreender e avaliar todo tipo de imagem. É preciso ter uma consciência maior de que a seleção das imagens a serem analisadas deve ser abrangente e diversificada, incluindo ao lado de reproduções de obra de arte as manifestações das comunidades e imagens da mídia. (LAEBER, 2015, p.2)

Com a aluna L. o mais interessante foi a disposição da mesma em participar, pois nas aulas que antecederam a esta atividade foi muito difícil fazer com que a mesma se interessasse pelo que estava sendo aplicado, houve situação da aluna permanecer sentada durante uma hora. L. realizou tudo que era pedido com vontade, criatividade e sem reclamar. Mostrou interesse pelas imagens expostas e também nas movimentações criadas por seus colegas.

Apenas dois alunos tiveram dificuldades em se desenvolver nesta atividade. O aluno D. e P. O primeiro apresentou dificuldades em realizar as movimentações. O aluno não conseguia ter consciência de quando estava movimentando os seus braços e pernas ao realizar o movimento. Ele acreditava estar se movimentando, mas na verdade não estava. Foi perguntado a ele se o mesmo estava movimentando o braço, por exemplo, e a resposta era que sim. Há uma dificuldade em movimentar a parte superior e inferior do corpo ao mesmo tempo, mesmo que fosse um membro manipulando o outro (exemplo: braços manipulando pernas e vice-versa ou um braço movimentando outro braço). D. também teve dificuldade em criar/inventar o movimento, não demonstrando muito interesse pela atividade, pois as imagens não chamavam sua atenção e realizar o que os colegas estavam lhe ensinando, também, não lhe instigava a participar de maneira mais integrada com os mesmos.

Já o aluno P. se manteve estagnado na atividade, não realizando nada do que era pedido, necessitando da movimentação passiva a todo momento. É possível perceber a apatia do aluno no momento em que chega a sala de aula, a falta de comunicação visual, verbal, corporal, etc. com qualquer outro indivíduo. Para melhores resultados com P., acredita-se que seria melhor ter tido aulas particulares entre o aluno e a pesquisadora/professora. Com o aluno P. é possível perceber que o mesmo possui dificuldade de socializar e conseqüentemente de aprender. Sua falta de interação não se limita a falta de amizades, mas também em expor o que deseja ou prestar atenção ao que lhe rodeia. Esta característica não é

devido a sua deficiência, e sim pelo modo que o mesmo se desenvolveu durante seu crescimento. Esta conclusão é particular da pesquisadora pelas observações que pôde fazer no espaço de aplicação da pesquisa. A mesma considera que para um melhor desenvolvimento de P. dentro do programa seria necessário momentos particulares do aluno com a pesquisadora, com intuito de trabalhar especificamente com ele suas dificuldades.

b) Amarelinha: nesta atividade a coordenação motora foi muito trabalhada, pois além de atravessar a amarelinha pulando, havia comandos de quais movimentações a serem realizadas dentro dos quadrados como por exemplo pular de um pé só, dançar junto, girar, etc.

A maior diferença desta atividade para a outra foi a dificuldade encontrada pelos alunos na questão do desafio. Nesta atividade, buscou-se o criar, mas também aprender as regras, trabalhar a coordenação motora, equilíbrio, consciência corporal e criatividade. Não somente para uma criação coreográfica, mas também de como superar as limitações impostas naquele momento.

JR. e G. demonstraram grande dificuldade em entender a dinâmica. Nos momentos que deveriam saltar apenas com uma perna insistiam em usar as duas. Porém, a dificuldade foi resolvida após a pesquisadora/professora explicar quantas vezes necessário o que deveria ser feito, assim ambos tomaram gosto pela brincadeira pedindo para repeti-la diversas vezes. Ambos apresentaram dificuldade em manter o equilíbrio com apenas um pé ao chão. G. que demonstrou ainda mais dificuldade em conseguir se equilibrar durante o salto, encontrou uma maneira de adaptar a atividade ao seu corpo de uma maneira que a dinâmica fosse realizada.

T. e B. souberam como adaptar seus corpos para realizarem o que foi pedido. Ambos tinham conhecimento de suas limitações e encontravam novas maneiras de fazer o que era necessário. No momento de pular, foi sugerido a B. maneiras a qual poderia executar tal ação. O aluno entendeu rapidamente e

prosseguiu com a atividade a sua própria maneira. Para T. não foi preciso sugestão, pois a mesma encontrou seu caminho por conta própria. Os dois alunos conheciam seus corpos muito bem. Nesta pesquisa, algo que apareceu com muita incidência foi como ambos possuem muito conhecimento dos próprios corpos, ou seja, possuem um bom esquema corporal.

Com relação aos alunos T. e B. talvez sejam os mais limitados devido à deficiência que possuem, porém, os mesmos não são impedidos de realizar as atividades independentemente de seus corpos, pois ambos foram capazes de se adaptarem as atividades com uma certa facilidade, principalmente quando comparado aos colegas. Segundo Rocha e Neto (2012, p.37), “Conhecer-se e explorar-se é muito importante para a maturação de novas habilidades [...]” e após conhecê-lo “O corpo se prepara adaptando-se às necessidades que se apresentam no decorrer do processo de produção da dança performativa” (SETENTA, 2008, p.47), como foi nesta atividade da amarelinha.

Resende (2008) diz que o lúdico colabora em muito com o processo de conhecimento de si e se apresenta como um momento de despertar o corpo, quando se passa a prestar atenção nele mesmo, principalmente quando partir de suas experimentações surgem o processo criativo.

Nesta fase são trabalhados sete aspectos corporais inter-relacionados entre si: presença; articulações; peso; apoios; resistência; oposições; eixo global. Entrar em contato com o corpo e (re)conhecê-lo passa por um exercício gradual de sair de uma ausência para uma presença corporal. Esse exercício se desenvolve em jogos que abordam: o reconhecimento das articulações e suas possibilidades de movimento; a observação do peso do corpo em partes e no todo, em diferentes posições; a relação dos apoios do corpo com o chão, com objetos e o próprio corpo, utilizados passiva ou ativamente na pausa ou em transferência no movimento; e a partir disso despertar a percepção de resistência da musculatura do corpo; o que nos permite estabelecer em seguida as linhas de oposições do corpo, dando-nos uma sensação ampliada da tridimensionalidade corporal. (RESENDE, 2008, p.567)

Resende (2008, p.568), explica como ao despertarmos o corpo para novas possibilidades o mesmo acaba requisitando cada vez mais diferentes sensações, buscando algo mais livre que se relacione com as sensações. Ainda segundo a autora, atenuar a propriocepção é encontrar a singularidade, “[...] (re)conhecendo os limites, capacidades, memórias e vivências do corpo, respeitando-os”.

Esta forma de trabalhar com o corpo se mostra como “[...] uma potente terapia corporal complementar no campo da reabilitação neuromotora [...]” e “com importantes ganhos secundários mais subjetivos, tais como bem-estar psíquico, sentimento de que o corpo está vivo e potente apesar das limitações físicas etc” (RESENDE, 2008, p.571).

Acreditamos que é por este caminho que a Conscientização do Movimento se insere como uma terapêutica: ela trabalha com um corpo possível; cada indivíduo realizará os movimentos que seu corpo lhe permite, ampliará suas possibilidades de uso do corpo dentro de seus próprios limites. Dançará tanto quanto este corpo puder se mover. Será tão mais saudável quanto aquele corpo puder ser. Isso vale para qualquer pessoa, inclusive para casos mais particulares como de um paraplégico, um diabético, um psicótico. (RESENDE, 2008, p.572)

L. e JF. realizaram a atividade com muita facilidade. Não tiveram muita dificuldade em realizar o salto, apesar de também saltarem a sua própria maneira, e todos os comandos da amarelinha os quais deveriam executar foram feitos rapidamente e sem muito auxílio da pesquisadora/professora. JF. surpreendeu ao não apresentar problemas com o equilíbrio, pois anteriormente o aluno não conseguia realizar movimentos de giro, que fossem em um único pé ou algo do gênero de maneira equilibrada, sem que houvesse um desequilíbrio por parte do corpo do mesmo.

A aluna L. impressionou com sua facilidade de saltar da maneira conhecida como “correta” (grifo nosso) nesta atividade, também mostrou um bom

equilíbrio sem oscilar em seus saltos.

O campo de estudo da E.C. engloba além da externalização dos sentimentos, pensamentos, emoções, etc., mas também termos mais técnicos como ritmo interno, coordenação motora, consciência corporal, entre outras. Desta maneira trabalha-se além do artístico também a Psicomotricidade⁹, onde “[...] os elementos que compõem esse estudo, estão intimamente ligados ao movimento. Logo, em ambos são exercitados o trabalho de corpo enfatizando a motricidade, cognição e emoção”. (NEVES, 2011, p.69)

A partir de estudos do ramo da fisiologia, ciência que estuda as funções orgânicas do corpo, o movimento surge através do desenvolvimento das estruturas do sistema nervoso central. Devido a atuação deste sistema pela ação motora, é provocado no corpo contrações musculares que fazem originar o planejamento dos movimentos e regularizar o comportamento do ser humano. Este campo pode ser analisado no estudo da Motricidade, no qual se conceitua como a capacidade das células nervosas executarem contrações musculares, provindo respostas ativas no corpo, determinadas pelas movimentações, isto é, caracteriza-se como uma possibilidade neurofisiológica de execuções de movimentos. (NEVES, 2011, p.76)

Em relação aos aspectos psicomotores, Neves (2011), diz como é importante a construção da personalidade, pois a mesma advém das sensações proporcionadas por sentidos internos e externos ao corpo.

9 “[...] a psicomotricidade visa privilegiar a qualidade da relação afetiva, a mediatização, a disponibilidade tônica, a segurança gravitacional e o controle postural, à noção de corpo, sua lateralização e direcionalidade e a planificação práxica, enquanto componentes essenciais e globais da aprendizagem e do seu ato mental concomitante. Os dicionários, em sua maneira geral dizem que motricidade é aquilo que nos dá força ou movimento, ou seja, a ação motora corporal, e psico, referente aos aspectos cognitivos e afetivos do homem [...]” (ROCHA e NETO, 2012, p.11)



Fig 5 - Alunos realizando a atividade amarelinha. Fonte: da autora

Ainda segundo a autora, a dança aliada a psicomotricidade pode gerar aos alunos novas possibilidades de conhecimento e movimento, e visam uma melhor dominância dos próprios corpos, não somente durante as aulas ou momentos em que estejam realizando atividades da área, mas também em movimentações cotidianas como andar, correr, pular e em suas relações afetivas.

Novamente os alunos D. e P. foram os que não tiveram tantos resultados nesta atividade. O aluno D., pela atividade requerer muito deslocamento e como o mesmo tem dificuldades de se locomover, teve que encontrar novas maneiras de se transportar, assim preferiu evitar a atividade, do que criar maneira de superá-la.

Em relação ao aluno P. como necessita que seu corpo seja estimulado a todo momento, do contrário não realiza o que é pedido ele não criava e não seguia qualquer regra, a menos que a pesquisadora/professora fizesse com ele. P. foi um aluno que realmente se manteve estagnado não apresentando qualquer ação nova ou diferente quando essa atividade foi proposta ao grupo.



Fig 6 - Aluno P. realizando a atividade amarelinha. Fonte: da autora

É muito comum encontrar alunos desmotivados em sala de aula, independente do público, sempre se tem que lidar com pessoas sem interesse. Neste caso, o trabalho do educador é encontrar caminhos que estimulem o indivíduo a querer participar das atividades e desta maneira as atividades lúdicas são de grande ajuda, pois de acordo com Nery (2012, p.15-16), é através do fazer de conta, brincadeiras e jogos que se consegue envolver a maioria dos alunos, buscando assim “[...] alavancar novas experiências sociais, afetivas, emocionais e psicológicas dos alunos”. O lúdico auxilia muito no desenvolvimento da E.C.

O ambiente, também, se torna importante nesse processo de estímulo, pois o mesmo se transforma com o intuito de cativar o aluno a se envolver com as

atividades que ocorrem no mesmo. Este é então uma ferramenta poderosa para que o processo de empatia em relação aluno – aula se concretize. De acordo com Rito (2011, p.22-23), a motivação é um processo que estimula o comportamento e a ação, e que não se limita somente como uma característica do aluno, mas sim “[...] é também mediada pelo professor, pelo ambiente na sala de aula, pela cultura da escola e por toda a envolvente do aluno”.

Na teoria motivacional de Abraham Maslow¹⁰, o autor “[...] hierarquiza necessidades que contribuem para proporcionar no indivíduo um estado motivacional positivo, para ele há necessidades, demandadas que em maior ou menor grau influencia o nível motivacional [...]” (NERY, 2012, p.22).



Fig.7 - Representação em forma de pirâmide da Teoria de Hierarquia de Necessidades.¹¹

10 Psicólogo americano fundador da Teoria da Hierarquia de Necessidades publicada no ano de 1943. Embasou também uma psicologia humanista onde acredita que o indivíduo possui liberdade de escolha.

11 <https://image.slidesharecdn.com/necessidadesdohomem-130203134028-phpapp01/95/necessidades-do-homem-4-638.jpg?cb=1359898919>

De acordo com Marzinek (2004 apud. NERY, 2012), o ser humano possui duas formas de motivação: intrínseca e extrínseca, onde a primeira é a disponibilidade do próprio indivíduo em realizar diversas atividades gerando assim possibilidades de aprendizagem, enquanto a segunda se constitui com a ação/administração de um agente externo. Desta maneira, é possível relacionar como é necessário que haja cooperação de ambas as partes alunos e professores, e se o professor consegue alcançar seu aluno em aula o mesmo acaba se interessando naturalmente pelo conteúdo que estiver sendo abordado. Segundo Rito (2011, p.22), quando o aluno está intrinsecamente motivado, realiza a atividade apenas pelo próprio prazer, pois a mesma o satisfaz verdadeiramente, e quando ele se encontra extrinsecamente motivado a realização das tarefas se dará por motivos externos “[...] nomeadamente o receio de punições, a vontade de reconhecimento e de recompensa”.

Vários estudos na área de educação permitem concluir que existe uma relação de reciprocidade entre a aprendizagem e a motivação, em que a motivação pode interferir na aprendizagem e no desempenho, bem como a aprendizagem pode produzir um efeito na motivação o (Mitchell Jr, 1992; Pfromm, 1987; Schunk, 1991, cit. por Paiva e Lourenço, 2010)⁷. Defendem ainda que a aprendizagem é um processo cognitivo envolvido de afectividade, relação e motivação, ou seja, para aprender é preciso ter em conta as capacidades, os conhecimentos, e as destrezas de cada um, mas também é fundamental ter disposição e interesse suficientes. (RITO, 2011, p.21)

Maior parte dos alunos participavam das aulas com vontade, mostravam que gostavam de estar presentes naquele momento. As atividades os motivavam a continuar e ir até o fim realizando os exercícios da maneira que eram propostos e sempre trazendo suas características/vontades próprias para os exercícios. O aluno P. foi o único que em nenhum momento mostrou motivação ou interesse pela aula ou apenas pela presença da pesquisadora/professora. O aluno P.,

aparentemente precisa de um trabalho mais restrito a ele para desenvolver suas relações interpessoais, pois o que o mesmo passou durante a pesquisa era que não se relacionava com ninguém ao seu redor, fossem os colegas, os professores ou até mesmos seus familiares que iam deixá-lo na instituição. Ele se mostrou a todo momento muito distante de todos os indivíduos próximos a ele, evitando o contato visual e até mesmo o verbal onde só reproduzia poucas palavras em suas repostas para as perguntas da pesquisadora/professora. O mesmo se resguardava em a sua quinesfera, mexendo no próprio cabelo e não interagindo com ninguém.

c) Siga o mestre: esta atividade se deu da maneira tradicional onde um aluno mostrava um movimento e os outros deveriam realizar o mesmo, porém, era permitido cada um realizar a sua maneira o movimento. Todos deveriam ser o mestre uma vez, e os movimentos eram feitos de livre escolha.

Nesta atividade T. mostrou ser mais capaz do que nunca, realizando movimentações que desafiavam muito suas limitações conhecidas pela pesquisadora/professora. A mesma conseguiu se equilibrar somente sobre seus próprios joelhos e realizar a ação escolhida pelo colega tranquilamente, tal equilíbrio não havia sido mostrado pela aluna até o momento, e a disposição do seu corpo para vencer o desafio foi além do que era de costume, pois para vencer os obstáculos impostos a ela em aulas anteriores, T. sempre utilizou de ajuda externa (de alguém a conduzi-la pelo espaço) para se deslocar ou fazer algo que exigisse mais de suas pernas, e nesta aula não foi preciso, pois a mesma se movimentou sozinha a todo momento. Nos momentos em que ela deveria ser “o mestre”, sua criatividade se mostrou grande trazendo movimentações que nunca havia realizado antes, como imitar animais e girar no chão, desafiando a si mesma e os outros alunos. Talvez tenha faltado mais espaço no decorrer da pesquisa para que T. pudesse mostrar suas habilidades físicas e criativas.

JF. nunca mostrou se divertir tanto e ser tão desinibido quanto nesta atividade. O mesmo realizou tudo que todos realizavam sem se inibir, mostrar feições de vergonha, que era uma particularidade sua constante nas aulas, e o mais surpreendente foi que o mesmo queria ser o mestre da atividade a todo momento. Movimentações nunca trazidas pelo mesmo como rebolar, girar de uma forma própria, movimentar os dois braços de forma igual e ao mesmo tempo, etc, neste exercício apareceram de maneira muito natural e sem necessitar de um direcionamento da pesquisadora.

A aluna L. apresentou resposta semelhante, também aparentou se divertir muito e ter desenvolvido maior simpatia pela pesquisadora/professora. Seus movimentos se mantiveram na sua zona de conforto, movimentos de alongamento e aquecimento, mas ao realizar as movimentações de seus colegas se mostrou ser mais interessante para a aluna do que nas outras atividades, houve um interesse muito maior nesta aula quando comparada as primeiras. É possível dizer que como esta dinâmica foi aplicada no fim da pesquisa, a aluna já se entrosava melhor com o trabalho e com o que estava sendo realizado.

A E.C. em seu vasto campo de conhecimento e estudo, aborda a importância de um indivíduo conhecer seu próprio corpo, e ao se movimentar o mesmo está desenvolvendo uma maior consciência corporal. Para Laban¹² as ações do corpo se dão através de fatores do movimento como por exemplo espaço e tempo, e com o auxílio da E.C. é possível desenvolver uma noção de espaço-tempo próprio, pois a mesma prioriza a todo momento o respeito aos limites e ritmo de cada um.

Em relação ao espaço é importante que o aluno perceba o seu corpo e o que é exterior ao mesmo, e como ambos se relacionam. Segundo Rodrigues (2007), a ideia do espaço pessoal – citado pela autora como espaço parcial próprio, é o espaço que cerca o próprio corpo e se limita pela movimentação corporal quando

12 Profissional da Dança pioneiro da dança educação.

não acontece deslocamento. A autora explica que nesse espaço o indivíduo pode expressar sua individualidade atribuindo assim uma característica emocional e subjetiva ao elemento em questão.

Na dança, o corpo pode ser usado como um ponto de referência, não só para projetá-lo no espaço, como também situar-se a si e aos demais segundo um sistema de coordenadas, partindo dos planos e eixos corporais para constituir o espaço na dança. Como para a criança o espaço que a rodeia tem seu centro em si mesma é necessário que ela tome conhecimento do seu próprio corpo para depois passar ao conhecimento do espaço total. (RODRIGUES, 2007, p.32)

Ainda segundo a autora, é importante que haja a mescla com o espaço do outro proporcionando assim troca de informações e estabelecendo relações com o que é exterior ao próprio corpo conquistando assim o conhecimento do espaço total.

O significado emocional das experiências de exploração do espaço parcial total é muito rico, sendo fundamental que o sujeito inicie a interação com a esfera de ação dos outros a partir da exploração da sua própria esfera de ação, expressando-se e compreendendo-se, baseando em suas descobertas e possibilidades corporais no tempo e no espaço. (RODRIGUES, 2007, p.32-33)

Entre os participantes da pesquisa, é possível perceber que houve troca de informações a partir de suas movimentações. Como o movimento realizado por um acabava recebendo uma estilização um complemento de outro. Também como um gênero de dança que era preferido por um acabou fazendo parte do repertório corporal de outro, e no próprio aquecimento como um exercício realizado por um indivíduo estimulava o que o próximo iria realizar.

O fator tempo foi trabalhado de uma maneira particular a cada aluno, onde cada um conhece o seu próprio tempo e aprende a respeitá-lo, e também a respeitar o tempo do outro. Segundo o Rodrigues (2007), o tempo biológico auxilia na organização dos ritmos motores, e que nos ensina também a nos adaptar ao

ritmo do ambiente em que se vive.

Os demais participantes não estavam presentes nesta aula, porém, a eficácia da atividade foi comprovada com o desenvolvimento e a desenvoltura demonstrada pelos alunos que participaram neste dia.

5.1.2 Sobre as Relações Interpessoais

O Programa Didático Pedagógico desenvolvido neste trabalho há todo momento visava o estímulo das Relações Interpessoais, e todas as atividades contidas no mesmo desde o aquecimento até o fim da aula usavam estratégias para que houvesse algum tipo de entrosamento dos alunos uns com os outros e também com a pesquisadora/professora.

No fim do programa foi possível concluir que 6 dos 8 participantes envolvidos apresentaram um grande progresso em suas relações internas durante o momento da aula tanto com os colegas quanto com a pesquisadora/professora, enquanto apenas 2 não obtiveram diferenças no relacionamento com os colegas, e de todos os alunos somente 1 não estabeleceu um bom entrosamento com a pesquisadora/professora.

As 3 atividades que apresentaram melhores resultados no quesito das Relações Interpessoais foram:

a) Marionete Humano: pedaços de barbantes foram amarrados nos pulsos e tornozelos dos alunos. Enquanto um era o marionete estava com o barbante amarrado, o outro era o comandante que possuía o dever de movimentar seu colega realizando o comando apenas através do barbante.



Fig. 8 - Alunos realizando a atividade marionete humano. Fonte: da autora

Esta atividade fazia com que os alunos conversassem entre si mesmo corporalmente. Para que houvesse o manejo de um com o outro era necessário a comunicação entre os participantes, pois o “comandante” precisava da atenção do “comandado” para que o mesmo realizasse o movimento requerido, e o “comandante” também necessitava dar atenção ao “comandado” para perceber a melhor maneira de fazer com que o mesmo desenvolvesse a ação.

Os alunos B. e T. possuem uma deficiência em comum que é a Paralisia Cerebral. Ambos têm pouco controle sobre o equilíbrio do corpo e seus movimentos, o que era motivo para seus colegas evitarem realizar atividades com eles. Com essa atividade os outros participantes não demonstraram mais este tipo de comportamento, mesmo neste momento corporal que exigia um trabalho tão próximo dos participantes uns com os outros. Ou seja, suas limitações não foram empecilhos para se relacionarem com o restante da turma durante a aula.

É possível perceber como o preconceito existe em qualquer público e até mesmo entre as pessoas do mesmo meio. Por os colegas possuírem limitações

mais agravantes, alguns alunos preferiam afastá-los ao invés de integrá-los a atividade. Mas esse fato pode acontecer pelo próprio colega não saber como trabalhar ou até mesmo lidar com a situação do outro colega. Ou seja se ele entender que o outro colega também possui alguns elementos comuns a ele e que os dois podem realizar as atividades acaba-se o preconceito.

Mesmo com suas diferenças existem vários pontos comuns entre eles, e estes pontos podem ser percebidos nas atividades, como por exemplo o uso do material didático, no caso específico desta atividade, o barbante, que facilita/ajuda muito os mesmos a desenvolver o que é proposto. Esta ferramenta se mostrou de grande importância, pois com a presença de algo para manejar os alunos possuíam um desafio maior que exigia mais deles os levando a realizar as atividades de maneira mais assídua. Pois, para alcançar a abstração necessita-se exercitar primeiro o mundo concreto com os alunos. Algo também em comum é a preferência pelo brincar, onde a expressão se torna mais importante e não é exigido nenhum tipo de técnica a eles.

[...] faz-se necessário a utilização de material pedagógico concreto, e de estratégias metodológicas práticas para que esse aluno desenvolva suas habilidades cognitivas e para facilitar a construção do conhecimento. Os jogos e brincadeiras são estratégias metodológicas que apresentam as duas características acima citadas. Proporcionam a aprendizagem através de materiais concretos e de atividades práticas, onde a criança cria, reflete, analisa e interage com seus colegas e com o professor. (MAFRA, 2008, p.4)

JR. e G. cada vez mais se mostraram prestativos com a pesquisadora/professora. Desde o momento em montar o cenário da aula até a ajudar com os outros participantes. JR. mostrou como gosta de ser prestativo e facilitar em tudo que pode para pesquisadora/professora. Ele auxiliou com o manejo do barbante para cortar e também para amarrar o material em seus colegas. Já o aluno G. se mostrou mais interessado em ajudar os colegas explicando ou auxiliando-os durante as atividades. Ajudou na movimentação da aluna T., e

interagiu com D. que se manteve muito distante com o restante da turma numa tentativa de se resguardar.

JF por ter um caráter tímido, demonstrou ainda ter muita amizade com G. e JR. Apesar de sua timidez o participante se relacionou bem com a pesquisadora/professora, e quando um de seus amigos se disponibilizou para ajudar em algo, o aluno acabava tomando a mesma iniciativa. Não mostrou problemas em realizar a atividade com outro colega que não fosse G. ou JR. Apesar de não haver muita comunicação verbal, na hora de se movimentar, JF trabalhou tranquilamente e maneira correta com a aluna L., a qual não demonstrou problema em realizar atividade com o colega, a partir do momento que a mesma estivesse no comando. A aluna não aceitou ser comandada, que o barbante fosse amarrado em seu corpo, e desta maneira só realizou metade da atividade. Porém, L. sempre se mostrou muito reclusa, sendo que no início do trabalho a mesma não aceitava trabalhar com nenhum colega, o fato da mesma ter feito metade da atividade já se mostrou como um grande avanço.

E mais uma vez o aluno D. não interagiu com este teor tão específico da atividade. O aluno preferia ficar sentado a participar. Foi possível concluir que o impasse não era a interação, mas sim sua falta de disposição para se exercitar, porém, este estado de ânimo refletia, também, no seu convívio com os seus colegas, que também correspondiam da mesma forma a D., de uma maneira muito distante, não havendo esforço para estabelecer uma interação mínima que fosse. Com a pesquisadora/professora, D. sempre se mostrou muito simpático e interessado em interagir, mas com a turma sempre houve uma grande resistência na questão do entrosamento.

Quanto ao aluno P., este não interage verbalmente, tão pouco corporalmente. O participante se manteve de maneira estática e não demonstrou qualquer esforço para interagir com os colegas. A própria pesquisadora/professora percebeu muita dificuldade para realizar contato visual com aluno, e nesta atividade

não houve qualquer estímulo que o fizesse participar da atividade.

Alunos que não socializam nem mesmo com o professor tornam o trabalho a ser desenvolvido mais difícil, e tanto o educador quanto as instituições de ensino possuem um papel importante para o desenvolvimento destas interações com o mundo exterior ao indivíduo. Porém, é muito difícil alcançar um aluno que apresenta esse distanciamento, principalmente quando o mesmo se encontra em uma sala de aula repleta de outros colegas onde desta maneira a atenção do docente deve ser dividida para todos quase que de uma única vez. Como em situações iguais a essa não pode haver exclusividades, para tratar mais diretamente a dificuldade apresentada pelo aluno, o professor deve desenvolver recursos que captem cada vez mais o interesse dos estudantes que até então se mantêm distantes.

A relação professor-aluno é muito importante tanto para PCD, quanto qualquer outro público, pois o mesmo tem um papel que vai além de transmitir informações, mas, também, de trabalhar “com os fatores sócio-emocionais” (TUCCI, 2011, p.19). Como já dito anteriormente, transformar o ambiente em estímulo é muito importante para desenvolver o interesse do aluno pela atividade, e que também, a todo momento é uma troca, onde deve partir interesse e esforços do aluno e do professor, e em momento algum só uma das partes deve agir, sempre em conjunto.

b) Labirinto: foi criado um pequeno labirinto, onde primeiramente ao aluno deveria explorá-lo individualmente, em seguida todos juntos de mãos dadas deveriam sair do labirinto ao mesmo tempo sem poder soltar as mãos em momento algum.



Fig. 9 - Todos os participantes realizando a atividade do labirinto. Fonte: da autora

Esta atividade requereu dos participantes uma tolerância maior com os seus colegas, devido suas diferentes características e potencialidades. Os mais velozes tiveram que esperar os mais lentos, os mais articulados foram obrigados a respeitar mais os colegas com maiores limitações de movimento, e desta maneira compreender e aceitar melhor o tempo do outro.

Para G. e JR. este quesito se mostrou mais difícil por terem uma manipulação mais fácil do corpo, ambos se incomodavam com o atraso causado pelos colegas, mostraram certa impaciência, mas apesar disso respeitaram e esperaram os outros participantes para realizar todo o percurso do labirinto. L. e JF., que também possuem tais características corporais, se mostraram mais toleráveis em relação aos colegas e suas dificuldades. No caso de L. foi algo inesperado, pois L. desde o início da pesquisa se mostrou intolerante em relação a mais de um colega, não deixando nem que os mesmos chegassem perto, sem paciência para as dificuldades apresentadas pelos outros, e nesta aula isto não aconteceu, L. mostrou ter calma e esperou o tempo de todos sem reclamar das dificuldades e de ter que realizar a atividade em conjunto.

B. como sempre se mostrou empolgado por realizar algo que exigia a

participação dos outros alunos.

Desta vez o aluno P. participou de maneira mais autônoma da atividade, não apresentou problema no contato físico (dar as mãos), mas se restringiu somente a isto, não houve qualquer comunicação verbal ou corporal vinda do participante em questão. Já o aluno D. não quis participar desta atividade, alegando estar cansado.

A aluna T., por motivos pessoais, teve que se ausentar da aula neste momento.

Apesar de todos os participantes apresentarem ao menos uma deficiência, mesmo estando frequentando um mesmo espaço designado especialmente para este público, ainda é possível perceber que há uma certa intolerância de um indivíduo para outro devido suas diferenças e limitações. De início a pesquisadora/professora pôde perceber que alguns alunos mal interagem com outros. Foi necessário uma série de conversa com os participantes explicando a importância de ser tolerante com o outro, entender e respeitar as diferenças que cada um apresenta. Algumas vezes tivemos de fazer com que trabalhássemos juntos mesmo contra a vontade dos mesmos, e aos poucos a dinâmica de grupo foi mudando e a relação entre eles melhorou muito, levando uma interação maior e melhor entre todos.

c) Atividades em duplas: Várias atividades em duplas foram aplicadas, a que mais se sobressaiu foi a formação do túnel com movimentos de braços. Os alunos foram dispostos em duplas, um dava a mão para o outro e assim deveriam movimentar seus braços juntos, formando um túnel e em seguida junto aos seus colegas.



Fig 10 - Todos os alunos realizando a atividade do Túnel. Fonte: da autora.

As duplas desta atividade foram dispostas de maneira estratégica pela pesquisadora/professora. Sendo assim, os alunos se movimentaram da seguinte maneira: os participantes com maior mobilidade articular e domínio postural montaram par com aqueles que apresentavam maiores limitações em relação esses mesmos aspectos. A pesquisadora/professora tinha como objetivo fazer com que a tolerância e o respeito com o próximo e com suas dificuldades fossem trabalhadas.

A pesquisadora/professora precisou explicar aos alunos esta ideia, mostrar para os mesmos como eles se tratavam e como necessitavam se portar de maneira diferente, não só entre eles mesmos, mas sim como é importante respeitar a todos os indivíduos e como gostariam de ser respeitados. Os alunos B., D., T., e P., apesar de suas características próprias sempre demonstraram maior tolerância com os colegas, já os alunos JF e L em algumas situações demonstraram desconforto dependendo do colega com o qual tivessem trabalhando. Nesta atividade, por exemplo, JF estava muito desanimado por ter que trabalhar com o colega D. pois o mesmo não é muito ágil, nem atencioso ou motivado, para

qualquer tipo de atividade corporal. Após a conversa foi possível perceber JF se adaptando para realizar a atividade de maneira mais agradável com seu parceiro – o mesmo estava curvando a coluna para poder dar as mãos a D. que não consegue ficar em pé, se abaixando para “conversar” corporalmente com seu colega.

Já J.R. ficou muito impaciente com B por ele não conseguir estender seus braços. Entretanto após a interferência da pesquisadora/professora o mesmo começou a entender a questão do respeito colocado. E o aluno G. como estava em dupla com T., e devido à deficiência da participante, este não queria realizar a atividade com ela. Como sempre, G. queria estar ao lado de JF ou JR, pois são mais ativos e possuem uma maior facilidade de realizar os exercícios. Com o tempo, ele aceitou a ideia de realizar com a aluna T. e acabou aceitando a situação e se portou de maneira mais tranquila.

Ao ser realizadas atividades que exigiam dos participantes interação com os colegas, estas possibilitaram, um aumento de seus repertórios corporais, e ao mesmo tempo o respeito e a aceitação das diferenças entre eles. Pelo desafio de realizarem exercícios que os retirassem de suas zonas de conforto, essa estratégia se mostrou uma ferramenta muito importante para o crescimento da interação entre os alunos.

5.2. Desenvolvimento do interesse pela Dança a partir do programa

Com o decorrer das aulas aplicadas na APAE foi possível perceber que com o passar do tempo os alunos foram se mostrando mais a vontade e com um maior interesse com o que estava sendo trabalhado.

O interesse dos mesmos foi percebido pela pesquisadora/professora por diversos fatores:

- a) Aceitação e realização das atividades por parte dos alunos;
- b) Com manifestações de ideias próprias de como poderiam ser realizadas as

atividades;

c) Com um alcance cada vez maior dos objetivos propostos devido ao interesse que começaram a ter pelas aulas;

d) Com a expressão corporal e verbal dos alunos a respeito do que gostariam de dançar.

De todos os recursos usados para compor o material Didático Pedagógico, o que se mostrou mais forte foi a sua maleabilidade, onde os alunos poderiam expressar a todo momento os movimentos que desejariam realizar durante o momento das aulas. Os alunos não eram obrigados a participar caso não quisessem, mas o envolvimento dos mesmos com o que era proposto pela pesquisadora/professora sempre foi grande em sua maioria e se desenvolveu cada vez mais durante a aplicação do trabalho realizado pela mesma, e esta característica livre se mostrou como o principal ponto de como tudo foi possível.

Atividades onde a criação do movimento era algo muito particular se mostraram as de maior popularidade no decorrer da pesquisa. O momento final da aula, a Jam Session, onde os participantes poderiam realizar o que preferissem se mostrou de grande gosto pela maior parte da turma. Expor o que sabiam e gostariam de fazer era algo que para os alunos era de grande importância.

De acordo com Faria (2013, p.98), a Jam Session começou a ser utilizada na dança em conjunto com o contato improvisação. O autor explica que tudo acontece a partir de um círculo formado pelos dançarinos, e que há a entrada e saída do mesmo, um sistema bem parecido com o que foi aplicado no programa pedagógico aqui em questão. “Das sessões de improvisação, podem participar desde dançarinos, músicos, atores, até pessoas comuns com alguma experiência em movimento corporal [...]”. O surgimento desta prática surgiu com a busca de “movimentos mais livre e igualitários” fugindo então da perfeição técnica.

[...] traz para essa dança um caráter social e artístico que ultrapassa os limites do espetacular, traduz uma integração total entre espectador e

artista, buscando libertar-se de barreiras sociais, artísticas e culturais. O contato com o outro, a dança a dois, vai além do território demarcado do espaço cênico. O público está livre para entrar e sair de cena, desde que tenha conhecimento suficiente para participar de uma jam session. (FARIA, 2013, p.101)

Por ser uma prática de caráter livre, se expande a qualquer público que deseja executá-la. E seu caráter livre, onde a expressão sobressai qualquer perfeição atrai a todos gerando o desejo e o prazer de participar da mesma.

Ao fim da pesquisa, foi possível concluir que os alunos que não demonstraram muito interesse ou atenção pela aula no início do trabalho, acabaram se envolvendo e se desinibindo cada vez mais, como no caso da aluna L., onde no início do projeto só participava porque a professora da instituição (APAE) mandava a aluna participar. No fim do trabalho, L. não precisava mais ser coagida para “entrar” na aula e realizar o que era pedido, acontecia por vontade própria. O mesmo aconteceu com o aluno G. que de início não simpatizava muito com a pesquisadora/professora e sua atenção durante a aula era facilmente perdida, onde o aluno conversava, fazia brincadeiras ou acabava por não querer prestar atenção na pesquisadora/professora e no que estava sendo pedido. G. acabou se interessando muito pelo que estava sendo trabalhado se mostrando muito criativo e talentoso, mantendo até o fim sua atenção e respeito pelas aulas.

O aluno B. e a aluna T. apresentaram o aumento de seus interesses pela dança com a necessidade de cada vez mais participarem do que estava sendo realizado, nunca querendo ou permitindo que fossem deixados de fora das atividades. B. e T. estavam sempre mostrando que ansiavam estar no meio das atividades, principalmente T. que não tinha paciência para esperar sua vez, querendo passar na frente dos outros durante algumas atividades, e realizar a aula como todos os colegas. Estavam sempre tentando melhorar para realizar com mais eficácia os exercícios. Essa questão de melhorar seu desempenho, foi notada também com o aluno JR., este participante sempre se interessou pela dança e cada

vez mais ia aperfeiçoando e desenvolvendo seus movimentos por espontânea vontade atribuindo características próprias aos mesmos.

Com JF, seu interesse foi demonstrado a partir de sua desinibição. O mesmo no início do trabalho não conseguia manter contato visual com a pesquisadora/professora e tudo que era realizado somente acontecia com muita vergonha e certa rejeição primeiro. Com o passar do tempo, JF ampliou seu repertório corporal e cada vez mais mostrou perder a vergonha e com mais felicidade em realizar algo durante as aulas.

Porém, infelizmente, não foram todos os participantes que demonstraram interesse pela dança mesmo depois de ter sido desenvolvido o trabalho. A pesquisa não alcançou dois alunos, D. e P., que mostram muito pouco interesse no decorrer de todo o processo.

Mesmo sem ter apresentado êxito com todos os participantes e por ser um trabalho com a dança que busca a expressão corporal aplicada de forma mais livre, o presente estudo mostrou, que o programa organizado para a aplicação da dança lúdica mostrou-se ser prazeroso conquistando e gerando o interesse pela dança, proporcionando uma maior inclusão a partir do momento que não prioriza o corpo “perfeito”.

Pensar em inclusão é pensar em relações humanas que se constrói na ordem da complexidade, da corporeidade, do poder e da incompletude, pois parte-se do princípio que a mesma articula e tenciona elementos da história de nossa civilização, da ordem política, social e econômica, cultural e filosófica.

Neste sentido vislumbrar e planejar práticas pedagógicas inclusivas no ato de educar corpos dançantes significa também compreender que há uma intencionalidade pedagógica, que parte sim de ferramentas didáticas, postura atitudinal e conceitual de dança, corpo, arte educação, num processo dinâmico de desvelar possibilidades inclusivas. (LIMA et. al., 2012, p.2)

Ao entenderem que era necessário respeitar e aceitar os colegas em seus próprios ritmos, as aulas passaram a serem mais prazerosas para todos e muito mais rica em termo de desenvolvimento de aprendizagem e conhecimento.

Considerações Finais

No decorrer da pesquisa foi possível perceber que o trabalho em dança lúdica é válido para o público de PCD. Mesmo não tendo alcançado a todos os participantes como a maneira desejada, a maioria deles apresentou um desenvolvimento em todas as propostas que propusemos a investigar.

O material didático pedagógico elaborado para este trabalho, pelos resultados coletados obteve uma influência sobre a expressão corporal dos participantes, principalmente as atividades que possuíam certo direcionamento da pesquisadora para com os alunos para que realizassem suas movimentações, mas sem perder a espontaneidade dos mesmos, se sentindo a vontade ao mostrar suas habilidades. Com os direcionamentos, as atividades aconteceram de maneira prazerosa para os mesmos, e além do prazer vinham os desafios que faziam com que eles saíssem da zona de conforto de ultrapasassem seus limites desenvolvendo, assim, uma melhor coordenação motora, equilíbrio, criatividade, etc. Outro ponto que possibilitou um bom desenvolvimento da E.C. dos participantes foi a presença de material pedagógico concreto, onde o manejo do mesmo acabou sendo uma boa ferramenta para o desenvolvimento dos movimentos e ampliação destes de cada um dos alunos.

Ainda sobre o programa e sua influência sobre as relações interpessoais dos participantes, este se mostrou válido em todas as atividades, pois de alguma maneira fez com que os alunos interagissem de certa forma, trocando assim ideias e experiências, onde muitas vezes um aluno acabava por ajudar a melhorar e ampliar o repertório de movimento corporal do outro. Outro ponto que o programa se mostrou de grande ajuda foi na tolerância e respeito com o próximo, que após a aplicação das aulas os alunos foram aceitando e respeitando cada vez mais as diferenças e limites de seus colegas. O terceiro e último ponto foi se o programa foi eficaz no desenvolvimento do interesse pela dança, onde o caráter livre das

atividades, momentos sem direcionamento e exercícios que sempre procuravam mais a ludicidade e expressão corporal do que a perfeição na execução do movimento, foi o que se mostrou como necessário para que o trabalho crescesse e este interesse surgisse. Como os alunos sempre podiam trazer suas vontades e características para aula, sem ter que aprender algo já concreto e idealizado, os mesmos acabavam por se divertir a todo momento, tendo assim uma experiência que desenvolveu um gosto pela área.

A pesquisa desta maneira se mostra válida mesmo não alcançando a todos. Houveram momentos falhos que podem ser tratados de maneira diferente, como por exemplo deixar pessoas que apresentam alguma característica de deficiência física se mostrarem mais autônomas tendo menos auxílio a todo momento e sim se desafiando mais e ganhando mais espaço para se expressarem, criarem, etc. Mas, o programa aqui desenvolvido se mostrou eficaz e possível de aplicar em uma turma de PCD sendo esta heterogênea ou homogênea, ou aplicar a apenas um indivíduo também. Outro ponto que pode fortalecer o trabalho seria aplicação de mais aulas, tanto durante a semana – diferente da presente pesquisa que só pôde ser aplicada uma aula por semana – e também por mais tempo, obtendo assim mais resultados.

O que mais fica neste trabalho é que apesar da complexidade que se torna elaborar e aplicar uma aula para uma turma heterogênea, onde há corpos tão diferentes que necessitam de uma atenção maior e que haja também adaptação das atividades em diversos momentos, é possível sim que o trabalho seja desenvolvido e de forma tranquila e promissora. Havia certo receio por parte da pesquisadora/professora de desenvolver esta pesquisa sozinha em sala de aula, com uma turma com esta característica, mas com a prática do dia a dia é possível lapidar e desenvolver melhor as experiências obtidas dentro da faculdade construindo assim outros caminhos metodológicos para se trabalhar com esse público. Apesar das dificuldades o trabalho realizado acabou se tornando algo muito mais fácil,

prazeroso e com resultados positivos do que o esperado pela pesquisadora, ficando uma experiência que só tem a acrescentar a todos os envolvidos.

Referências Bibliográficas

ARANHA, M. S. F. **A interação social e o desenvolvimento humano.** Universidade Estadual Paulista. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 1, n. 3, dez. 1993.

ASSIS, A. M. **A Socialização de pessoas com deficiência: um estudo de caso numa organização de grande porte.** Universidade Federal de São João del Rei, 2012.

BRIKMAN, L. **A Linguagem do Movimento Corporal.** São Paulo, Summus, 1989.

CARDOSO, C. G; SILVA, L. O. S. **A importância do relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho.** Interbio v.8 n.2, Jul-Dez, 2014 - ISSN 1981-3775.

CAVALCANTE, R, B; CALIXTO, P; PINHEIRO, M. M. K. **ANÁLISE DE CONTEÚDO:** considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. Inf. & Soc.:Est., João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014

CÉSAR, A. M. R. V. C. Método do Estudo de Caso (Case studies) ou Método do Caso (Teaching Cases)? Uma análise dos dois métodos no Ensino e Pesquisa em Administração. **REMAC, Revista Eletrônica Mackenzie de Casos,** São Paulo - Brasil, v. 1, n.1, p. 1, 2005.

COSTA, M. R. **A dança no processo de Arteterapia**. Universidade Candido Mendes, 2006.

FARIA, I. R. **A Dança, o Jogo e a Improvisação: Estratégias de Criação e Ensino**. Anais do 2º encontro nacional de pesquisadores em dança, 2011.

FARIA, I. R. O Contato Improvisação: bases históricas para um processo de criação. **Arte revista**, v. 1., n.1, jan/jun 2013, p 89-106.

FERNANDES, L. B; SCHLESENER, A. C; MOSQUERO, C. Breve Histórico da Deficiência e seus Paradigmas. **Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia**, Curitiba v.2, p.132 –144. 2011.

GOBBO, D. E. A dança de salão como qualidade de vida para a terceira idade. **Revista Eletrônica de Educação Física**, UniAndrade, Curitiba, v.2, n.1, 2005.

GOUVEIA, S. M. S. **A Dança no Contexto Educativo: Um Espaço de Inclusão. Contributos da Modalidade Artística de Dança na Região Autónoma da Madeira para o Desenvolvimento de Crianças com Necessidades Educativas Especiais**. 2014. Dissertação (Mestrado em Arte e Educação) – Universidade Aberta, Lisboa, PT.

GUSSO, S. F. K; SCHUARTZ, M. A. **A criança e lúdico: A importância do “Brincar”**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2005.

JESUS, C. **Vem dançar comigo**. São Paulo. Editora Gente. 2005.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** 4a. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

LAEBER, R. R. **As imagens como recurso didático de interação das crianças portadoras de necessidades educacionais especiais.** Instituto arte na escola, 2015.

LEITÃO, S. P; FORTUNATO, G; FREITAS, A. S. **Relacionamentos interpessoais e emoções nas organizações: uma visão biológica.** Rio de Janeiro v. 40, n.5, p.883-907, Set./Out. 2006.

LIMA, M. D. et. al. **Projeto de Dança Inclusiva 'Nós em mim'.** V SEREX- Seminário de Extensão Universitária da Região Centro Oeste 2012.

LINDNER, M. K; ROSSINI, I. S. **Dança como linguagem corporal.** Revista Caminhos, On-line, "Saúde", Rio do Sul, a. 4 n. 7, p. 19-27, jul./set. 2013.

MACEDO, L. **4 Cores, Senha e Dominó: Oficinas de Jogos em uma Perspectiva Construtivista e Psicopedagógica.** 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. 167p.

MAFRA, S. R. C. **O lúdico e o desenvolvimento da criança deficiente intelectual.** Secretaria do Estado de Educação do Paraná, Programa de Desenvolvimento Educacional, 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Integração X Inclusão - Educação para Todos**. Pátio, n. 5, p. 49-51, 1998.

MEDEIROS, E. M. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil**. Instituto Superior de Educação do Vale do Juruena, 2010.

MELLO, R. A. et. al. **Ensino de arte: A dança como possibilidade de inclusão e socialização em uma escola da rede privada na cidade de Manaus**. In: III Congresso Nacional de Educação, 2016, Natal. ANAIS - III CONEDU, 2016. v. 1.

MENDES, E. G. **Concepções atuais sobre educação inclusiva e suas implicações políticas e pedagógicas**. In: Maria Cristina Marquezzine; Maria Amélia Almeida; elisa Dieko Oshiro Tanaka. (Org.). **Educação Especial: políticas públicas e concepções sobre deficiência**. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2003, v. 5, p. 25-41.

NANNI, D. **Dança Educação: princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

NASCIMENTO, K. R. **A Dança no Contexto da Educação Física Escolar**. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

NEVES, A. D. M. **Dança e Psicomotricidade: Propostas do ensino da Dança na escola**. Universidade Federal do Pará, 2011.

NERY, E. C. S. **A motivação como fator interferente nas aulas de Educação Física – Um recorte do norte do Amapá.** Trabalho monográfico (Graduação em Educação Física) - Universidade de Brasília – Pólo Unifap/Macapá – Amapá, 2012.

PEREIRA, S. R. C. Dança na escola: desenvolvendo a emoção e o pensamento. **Revista Kinesis**, Porto Alegre, n. 25, p.60- 61, 2001.

PESSOA, M. A. **O lúdico como ferramento no processo de ensino aprendizagem.** 2012. Dissertação (Especialização em Educação Física Escolar). Universidade Federal do Ceará, CE.

REBELO, P. C. P. S. **A Importância da Dança, enquanto terapia, na Inclusão de Crianças com Paralisia Cerebral.** Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2014.

RESENDE, C. **O que Pode um Corpo? O método Angel Vianna de conscientização do movimento como um instrumento terapêutico.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 18 [3]: 563-574, 2008.

RIBEIRO, G. F; LIMA, T. S; SANTOS, M. C. **Inclusão escolar em feira de santana:** caracterização da prática pedagógica. In: Féliz Díaz; Miguel Bordas; Nelma Galvão; Theresinha Miranda. (Org.). Educação Inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas. Salvador: EDUFBA, 2009, v. , p. 91-98.

RITO, S. R. G. **Estratégias de motivação na disciplina de Economia numa escola secundária.** Universidade de Lisboa, 2011.

ROCHA, C. J; NETO, Z. N. **Psicomotricidade:** Estimulação das Habilidades Motoras, Cognitivas e Sócio Afetivas. Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins – 2012.

ROCHA, E. R. et. al. **O espaço do Lúdico, do Jogo e da Dança na escola, uma proposta de formação continuada de professores.** 2014. Iniciação Científica. (Licenciatura em Pedagogia) - Instituto Federal Catarinense Campus Camboriú, Camboriú, SC.

RODRIGUES, M. C. P. **O ensino-aprendizagem em dança na construção das noções de espaço e tempo.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

ROSSI, P; MUNSTER, M. A. Dança e deficiência: uma revisão bibliográfica em teses e dissertações nacionais. **Movimento** (Porto Alegre. Online), v. 19, p. 163-180-180, 2013.

SÁ, S. M. P; RABINOVICH, E. P. Compreendendo a família da criança com deficiência física. **Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum.** 2006 ; v.16, n., p.68-8420.

SAMPAIO, C. T; SAMPAIO, S. M. R. Convivendo com a diversidade: a inclusão escolar da criança com deficiência intelectual. In: DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social:** questões contemporâneas [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 71-78. ISBN: 978-85-232- 0928-5.

SANTANA, A. A; LEBRAO, J. S; NOGUEIRA, T. R. P. **A Utilização das Imagens e Fotografias como Recursos Didáticos para a Especialização dos Conteúdos.** In: IX Semana de Geografia da UESB, 2010, Vitória da Conquista/BA. IX SEGEO UESB, 2010.

SANTOS, A. M; SILVA, R. J; SANTOS, W. S. **Inclusão Social e as Relações Interpessoais do portador de Síndrome de Down.** 2010.

SANTOS, L. B; BRAGA, D. M. Dança e fisioterapia em crianças e adolescentes com paralisia cerebral. **Rev. Neurocienc.** v. 18, n.4, p.437-442, 2010.

SANTOS, R. C; FIGUEIREDO, V. M. C. **Dança e inclusão no contexto escolar, um diálogo possível.** Pensar a Prática 6: 107-116, Jul./Jun. 2002-2003

SETENTA, J, S. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade.** [online]. Salvador: EDUFBA, 2008. 124 p. ISBN 978-85-232-0495-2. Available from SciELO Books.

SILVA, A. C. N. **Dança: biologia e comunicação no processo de socialização humana.** Rio Claro : [s.n.], 2012.

SILVA, C. M. **A aceitação da criança com deficiência e as implicações do convívio familiar no seu processo educativo.** Universidade do Extremo Sul Catarinense, 2007.

SILVA, L. M. G; et. al. Comunicação não-verbal: reflexões acerca da linguagem corporal. **Rev. Latino-am. enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 4, p. 52-58, agosto 2000.

SILVA, M. T. et. al. **A importância do relacionamento interpessoal no contexto organizacional**. V CONVIBRA – Congresso Virtual Brasileiro de Administração, 2007.

SILVA, P. P. **A dança na terceira idade**: como ela contribui para socialização de idosos. Universidade Federal de Goiás. Uruana, 2013.

SILVA, M; SCHWARTZ, G. M. A expressividade na dança. **Motriz** (Rio Claro), Rio Claro, v. 5, n.2, p. 168-177, 1999.

SOUZA, A. A; RAMOS, P. Relações interpessoais nas organizações. **Revista de Divulgação Técnico-Científica do Instituto Catarinense de Pós-Graduação**, Blumenau, v.1, n.4, p. 19-23, 2004.

SOUZA, J. C. L; METZNER, A. C. Benefícios da dança no aspecto social e físico dos idosos. **Revista Fafibe On-Line** — ano VI – n.6 — nov. 2013 — p. 8–13 — ISSN 1808-6993.

STOKOE, P. e HARF, R. **Expressão corporal na pré escola**. São Paulo: Summus, 3ª ed, 1987.

TEXEIRA, G. **A questão do método na investigação científica**. USP, 2005.

TUCCI, C. H. C. **Importância das habilidades sociais educativas na perspectiva de professores de alunos sem ou com necessidades educacionais especiais.**

2011. 100f. Dissertação (Mestrado). UFSCar, São Carlos, SP.

TODARO, M. A; FILHO, W. J. **Dança:** uma atividade de corpo e alma. IN: Saúde e qualidade de vida na velhice. Campinas: Papirus, 2003.

TULESKI, S. C. et. al. (2003). Educação especial: A família como foco. In M. C. Marquezine, M. A. Almeida, S. Omote (Orgs.) **O papel da família junto ao portador de necessidades especiais** (pp. 97-109). Londrina: EdUEL.

VARANDA, S. B. Corpos e expressão em movimento. A dança e a educação. Por que ensinar dança na escola? **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 2, n. 1, p. 121-145, jan./jun. 2012.

Anexo 01**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO DO
RESPONSÁVEL**

O(A) participante _____, sob sua responsabilidade, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “ A Dança Lúdica como um caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades especiais”. Nesta pesquisa pretendemos analisar quais os possíveis benefícios que a Dança em diálogo com o Lúdico pode trazer para o desenvolvimento dos alunos da APAE em termo de suas expressões corporais, suas relações interpessoais e o interesse pela dança, além de contribuir para o conhecimento científico nesta área, com a elaboração de um material didático pedagógico, onde irá constar informações que obtiveram resultados positivos com os participantes da pesquisa. O motivo que nos leva a esta temática é a identificação de alguns benefícios que a Dança Lúdica pode trazer e que seriam importantes para pessoas com deficiência como: melhora da coordenação motora, da socialização, desenvolvimento físico, conhecimento e interesse sobre a dança, desenvolvimento da criatividade e da capacidade de expressão corporal. Desta forma, além de melhorar a qualidade de vida, também pode trazer benefícios para o desempenho da vida externa a instituição dos alunos.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: uma aula semanal, no período de Julho a Outubro. Todas as aulas serão de dança lúdica visando desenvolver nos participantes: a criatividade, expressão corporal, relações interpessoais dentro da sala de aula e o interesse pela dança. As aulas serão registradas através de filmagem digital, possibilitando um melhor estudo de cada aluno, individualmente e coletivamente. Com os resultados obtido durante os 4 meses de aplicação de aulas, será elaborado o material didático pedagógico em

Dança Lúdica para pessoas com deficiência.

Para a análise de cada aula, um roteiro de observação deverá ser seguido, analisando assim o desenvolvimento de cada indivíduo. Este roteiro analisará: mudanças nas relações interpessoais, com os colegas, professores e monitores; desenvolvimento da coordenação motora; compreensão das atividades propostas; realização das atividades; interesse pela aula; desenvolvimento da criatividade; interesse e gosto pela dança. Com este roteiro de observação, será mais fácil analisar o a influência do programa em cada aluno.

Os riscos envolvidos na pesquisa estão relacionados as quedas que podem ocorrer com as atividades que requerem deslocamento dos alunos durante as aulas. Prevenções das quedas: o piso da APAE por ser de cerâmica, em caso de queda brusca pode chegar a arranhar a pele, desta maneira as atividades serão preparadas com a tentativa de evitar ao máximo este tipo de acidente; o pesquisador terá em sua posse um Kit de primeiros socorros contendo: embalagens de curativos esterilizados, embalagem de band-aid; embalagens de gazes esterilizadas, embalagem de algodão, rolo de fita adesiva e ataduras; 1 termômetro, 1 pinça e 1 tesoura; frasco de soro fisiológico a 0.9% e luvas descartáveis, caso haja um ferimento como arranhões ou cortes superficiais. Caso de uma queda de maior risco: será acionado a equipe de bombeiro da cidade de Viçosa para que todas as providências de encaminhamento para o Hospital São João Batista seja providenciada. Contaremos também com a equipe da APAE e seus kits de primeiros socorros. Cabe destacar que as atividades de Dança Lúdica desenvolvidas, por mais que possuam uma característica de brincadeira, as mesmas não oferecem grandes riscos aos participantes, pois as práticas fluirão de acordo com os aspectos motores e cognitivos dos alunos, podendo ter movimentações lúdicas em ritmos lentos a moderados.

Quanto aos benefícios: a partir das práticas em dança lúdica, buscamos mudanças de estilos de movimentos que cada aluno possui e o controle dos

mesmos, exercitar a faculdade imaginária e criativa dos alunos e facilitar o desenvolvimento das relações interpessoais. Todos os benefícios citados, almejam que os mesmos se estendam também para a vida externa a instituição. O seguinte estudo pode ser de grande ajuda para pesquisas nas áreas de Artes (Dança, Teatro e Artes Plásticas), Educação Especial, Saúde Mental (Psicológica e Psiquiátrica).

Quanto a coleta de dados será assegurada a sua privacidade substituindo seu nome por um nome fictício, podendo solicitar questionamentos e informações quando precisar. As informações coletadas neste estudo, assim como as filmagens e imagens registradas, estarão à disposição dos participantes envolvidos na pesquisa, e de seus responsáveis. Especificando que as filmagens do estudo só serão realizadas como instrumento de análise dos pesquisadores quanto a evolução dos participantes nos quesitos citados acima. Ou seja, apenas o que serão tornadas públicas, por meio do Trabalho de Conclusão de Curso, de Simpósios e de artigos para publicação em periódicos serão os resultados referentes as observações realizadas pelos pesquisadores.

Para participar deste estudo, o voluntário sob sua responsabilidade, não terá nenhum custo nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O(A) participante tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou o(a) Sr.(a) de retirar seu consentimento e interromper a participação do voluntário sob sua responsabilidade, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A participação é voluntária, e a recusa da mesma não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, na APAE e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
contato _____,
responsável _____ pelo participante _____,
autorizo sua participação e declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “A Dança Lúdica como um caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades especiais.” de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Assinatura do Pesquisador

Evanize Kelli Siviero Romarco
Rua Rui Barbosa , 215. Bairro de Fátima – Viçosa- MG
Tel. (31) 87073286/E.mail: eva_siviero@ufv.br

Cibelle de Oliveira e Santos
Av. Ph Rolfs, 425 ap.309 – Centro – Viçosa, MG.
Tel. (31) 998446146/E.mail: oscibelle@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade Federal de Viçosa. Edifício Arthur Bernardes, piso inferior.
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário . Cep: 36570-900 Viçosa/MG .Telefone: (31)3899-2492.
Email: cep@ufv.br

Anexo 02

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você, _____ está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “ A Dança Lúdica como um caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades especiais”. Nesta pesquisa pretendemos analisar quais os possíveis benefícios que a Dança em diálogo com o Lúdico pode trazer para o desenvolvimento dos alunos da APAE em termo de suas expressões corporais, suas relações interpessoais e o interesse pela dança. Além de contribuir para o conhecimento científico nesta área, com a elaboração de um material didático pedagógico, onde irá constar informações que obtiveram resultados positivos com os participantes da pesquisa. O motivo que nos leva a esta temática é a identificação de alguns benefícios que a

Dança Lúdica pode trazer e que seriam importantes para pessoas com deficiência como: melhora da coordenação motora, da socialização, desenvolvimento físico, conhecimento e interesse sobre a dança, desenvolvimento da criatividade e da capacidade de expressão corporal. Desta forma, além de melhorar a qualidade de vida, também pode trazer benefícios para o desempenho da vida externa a instituição dos alunos.

Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: uma aula semanal, no período de Julho a Outubro. Todas as aulas serão de dança lúdica visando desenvolver nos participantes: a criatividade, expressão corporal, relações interpessoais dentro da sala de aula e o interesse pela dança. As aulas serão registradas através de filmagem digital, possibilitando um melhor estudo de cada aluno, individualmente e coletivamente. Com os resultados obtido durante os 4 meses de aplicação de aulas, será elaborado o material didático pedagógico em Dança Lúdica para pessoas com deficiência.

Para a análise de cada aula, um roteiro de observação deverá ser seguido, analisando assim o desenvolvimento de cada indivíduo. Este roteiro analisará: mudanças nas relações interpessoais, com os colegas, professores e monitores; desenvolvimento da coordenação motora; compreensão das atividades propostas; realização das atividades; interesse pela aula; desenvolvimento da criatividade; interesse e gosto pela dança. Com este roteiro de observação, será mais fácil analisar o a influência do programa em cada aluno.

Os riscos envolvidos na pesquisa estão relacionados as quedas que podem ocorrer com as atividades que requerem deslocamento dos alunos durante as aulas. Prevenções das quedas: o piso da APAE por ser de cerâmica, em caso de queda brusca pode chegar a arranhar a pele, desta maneira as atividades serão preparadas com a tentativa de evitar ao máximo este tipo de acidente; o pesquisador terá em sua posse um Kit de primeiros socorros contendo: embalagens de curativos esterilizados, embalagem de band-aid; embalagens de gazes esterilizadas,

embalagem de algodão, rolo de fita adesiva e ataduras; 1 termômetro, 1 pinça e 1 tesoura; frasco de soro fisiológico a 0.9% e luvas descartáveis, caso haja um ferimento como arranhões ou cortes superficiais. Caso de uma queda de maior risco: será acionado a equipe de bombeiro da cidade de Viçosa para que todas as providências de encaminhamento para o Hospital São João Batista seja providenciada. Contaremos também com a equipe da APAE e seus kits de primeiros socorros. Cabe destacar que as atividades de Dança Lúdica desenvolvidas, por mais que possuam uma característica de brincadeira, as mesmas não oferecem grandes riscos aos participantes, pois as práticas fluirão de acordo com os aspectos motores e cognitivos dos alunos, podendo ter movimentações lúdicas em ritmos lentos a moderados.

Quanto aos benefícios: a partir das práticas em dança lúdica, buscamos mudanças de estilos de movimentos que cada aluno possui e o controle dos mesmos, exercitar a faculdade imaginária e criativa dos alunos e facilitar o desenvolvimento das relações interpessoais. Todos os benefícios citados, almejam que os mesmos se estendam também para a vida externa a instituição. O seguinte estudo pode ser de grande ajuda para pesquisas nas áreas de Artes (Dança, Teatro e Artes Plásticas), Educação Especial, Saúde Mental (Psicológica e Psiquiátrica).

Quanto a coleta de dados será assegurada a sua privacidade substituindo seu nome por um nome fictício, podendo solicitar questionamentos e informações quando precisar. As informações coletadas neste estudo, assim como as filmagens e imagens registradas, estarão à disposição dos participantes envolvidos na pesquisa, e de seus responsáveis. Especificando que as filmagens do estudo só serão realizadas como instrumento de análise dos pesquisadores quanto a evolução dos participantes nos quesitos citados acima. Ou seja, apenas o que serão tornadas públicas, por meio do Trabalho de Conclusão de Curso, de Simpósios e de artigos para publicação em periódicos serão os resultados referentes as observações realizadas pelos pesquisadores.

Para participar deste estudo, seu responsável legal deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O(A) participante tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou o(a) Sr.(a) de retirar seu consentimento e interromper a participação do voluntário sob sua responsabilidade, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A participação é voluntária, e a recusa da mesma não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendida pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Você não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou material que indique sua participação não serão liberados sem a permissão de seu responsável legal.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Artes e Humanidades da UFV e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____,
 contato _____,
 responsável _____ pelo participante _____,
 _____, autorizo sua participação e declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “A Dança Lúdica como um caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades

especiais.” de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Viçosa, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do Responsável Legal pelo Participante

Assinatura do Pesquisador

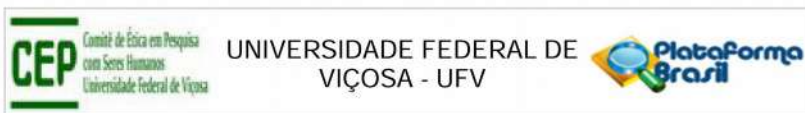
Evanize Kelli Siviero Romarco
Rua Rui Barbosa , 215. Bairro de Fátima – Viçosa- MG
Tel. (31) 87073286/E.mail: eva_siviero@ufv.br

Cibelle de Oliveira e Santos
Av. Ph Rolfs, 425 ap.309 – Centro – Viçosa, MG.
Tel. (31) 998446146/E.mail: oscibelle@gmail.com

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Viçosa. Edifício Arthur Bernardes, piso inferior.
Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário . Cep: 36570-900 Viçosa/MG .Telefone: (31)3899-2492.
Email: cep@ufv.br

Anexo 03

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: A Dança Lúdica como um caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades especiais

Pesquisador: Evanize Kelli Siviero Romarco

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 55329816.9.0000.5153

Instituição Proponente: Departamento de Artes e Humanidades

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.586.777

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto da área de Linguística, Letras e Artes, para desenvolvimento de jovens/adultos com necessidades especiais da APAE

Objetivo da Pesquisa:

Segundo formulário online: Segundo formulário online da Plataforma: "Objetivo Primário: A presente pesquisa tem como intuito desenvolver um programa didático pedagógico de aulas de dança lúdica para pessoas deficientes da APAE Viçosa - MG.

Objetivo Secundário: 1. verificar a influência do programa didático pedagógico sobre a expressão corporal e as reações interpessoais em sala de aula dos praticantes.2.

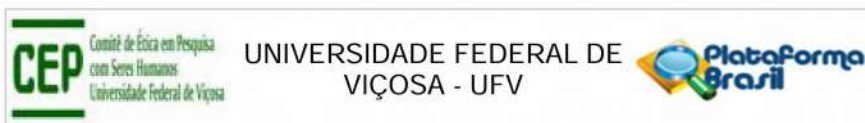
Analisar as mudanças das relações interpessoais com os colegas de sala e a expressão corporal dos participantes por meio da dança lúdica;3.Desenvolver a aproximação e o interesse pela dança."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo formulário online: "Riscos:Os riscos envolvidos na pesquisa estão relacionados as quedas que podem ocorrer com as atividades que requerera deslocamento dos alunos

durantes as aulas. Prevenções das quedas: o piso da APAE por ser de cerâmica, se acontecer uma queda brusca pode chegar a arranhar a pele, desta maneira as atividades serão preparadas com a tentativa de evitar ao máximo este tipo de acidente; o pesquisador terá em sua posse um Kit de

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.586.777

primeiros socorros contendo: embalagens de curativos esterilizados, embalagem de band-aid; embalagens de gazes esterilizadas, embalagem de algodão, rolo de fita adesiva e ataduras; 1 termômetro, 1 pinça e 1 tesoura; frasco de soro fisiológico a 0.9% e luvas descartáveis, caso haja um ferimento como arranhões ou cortes superficiais. Caso de uma queda de maior risco: será acionado a ambulância para que todas as providências de encaminhamento para o Hospital São João Batista seja providenciada. Contaremos também com a equipe da APAE e seus kits para ferimentos.

Cabe destacar que as atividades de Dança Lúdica desenvolvidas, por mas que possuam uma característica de brincadeira, a mesma não oferece grandes riscos aos participantes em momento algum, pois são de caráter livre, respeitando assim o ritmo de cada indivíduo.

Benefícios: Quanto aos benefícios a partir das práticas em dança lúdica, buscamos o desenvolvimento e aprimoramento de movimentações corporais e faciais que cada aluno possui; maior controle dos mesmos além de exercitar a faculdade imaginária e criativa dos

alunos e facilitar o desenvolvimento das relações interpessoais. Todos os benefícios citados almejam que os mesmos se estendam também para a vida externa a instituição e que este estudo possa ser de grande ajuda para pesquisas nas áreas de O seguinte estudo pode ser de grande ajuda para pesquisas nas áreas de Artes (Dança, Teatro e Artes Plásticas), Educação Especial, Saúde Mental (Psicológica e Psiquiátrica)."

Avaliação de riscos e benefícios: Adequadamente descritos nos termos éticos

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa apresenta uma natureza descritiva e possui como método o Estudo de Caso. Para sua realização serão registrados, observados, analisados os voluntários que participaram das aulas de dança lúdica quanto a melhora da coordenação motora, da socialização, desenvolvimento físico, conhecimento e interesse sobre a dança, desenvolvimento da criatividade e do aprimoramento da expressão corporal.

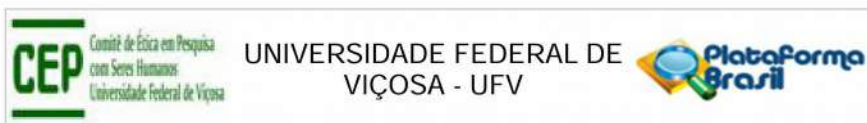
Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Pesquisador apresentou:

- Carta-resposta
- TCLE modificado
- TA modificado

Adequadamente descritos.

| |
|--|
| Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes |
| Bairro: Campus Universitário CEP: 36.570-900 |
| UF: MG Município: VICOSA |
| Telefone: (31)3899-2492 E-mail: cep@ufv.br |



Continuação do Parecer: 1.586.777

Recomendações:

Quando da coleta de dados, o TCLE deve ser elaborado em duas vias, rubricado em todas as suas páginas e assinado, ao seu término, pelo convidado a participar da pesquisa ou responsável legal, bem como pelo pesquisador responsável, ou pessoa(s) por ele delegada(s), devendo todas as assinaturas constar na mesma folha.

Não é necessário apresentar os TCLEs assinados ao CEP/UFV. Uma via deve ser mantida em arquivo pelo pesquisador e a outra é do participante da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

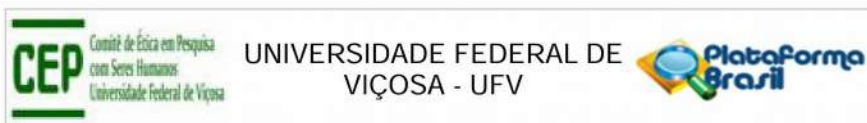
Ao término da pesquisa é necessário apresentar, via notificação, o Relatório Final (modelo disponível no site www.cep.ufv.br). Após ser emitido o Parecer Consubstanciado de aprovação do Relatório Final, deve ser encaminhado, via notificação, o Comunicado de Término dos Estudos.

Projeto analisado durante a 3ª reunião de 2016, realizada no dia 09 de maio de 2016.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|-------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_692728.pdf | 31/05/2016 15:56:47 | | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | Projeto_modificado.odt | 31/05/2016 15:56:15 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |
| Outros | Carta_resposta.doc | 31/05/2016 15:54:15 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_responsavel_modificado.doc | 31/05/2016 15:52:52 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | Termo_assentimento_modificado.doc | 31/05/2016 15:49:16 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | Autorizacao.pdf | 19/04/2016 14:49:22 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 18/04/2016 | Evanize Kelli Siviero | Aceito |

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br



Continuação do Parecer: 1.586.777

| | | | | |
|----------------|---------------------------|------------------------|----------------------------------|--------|
| Folha de Rosto | Folha_de_rosto.pdf | 21:19:22 | Romarco | Aceito |
| Outros | Roteiro_de_observacao.doc | 17/04/2016 18:39:23 | Evanize Kelli Siviero Romarco | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VICOSA, 13 de Junho de 2016

Assinado por:
HELEN HERMANA MIRANDA HERMSDORFF
(Coordenador)

Endereço: Universidade Federal de Viçosa, Avenida PH Rolfs s/n, Edifício Arthur Bernardes
Bairro: Campus Universitário **CEP:** 36.570-900
UF: MG **Município:** VICOSA
Telefone: (31)3899-2492 **E-mail:** cep@ufv.br

Apêndice 01

Programa Didático Pedagógico em Dança Lúdica para pessoas com deficiência.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE DANÇA**

**Programa Didático Pedagógico em Dança Lúdica para jovens
adultos com deficiência.**

Cibelle de Oliveira e Santos

Orientadora: Prof. Dra. Evanize Kelli Siviero Romarco

**Viçosa-MG
2017**

Introdução:

Este programa foi construindo para o estudo monográfico da aluna do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa, Cibelle de Oliveira e Santos e orientado pela Prof. Dra. Evanize Kelli Siviero Romarco na pesquisa intitulada “A dança lúdica como um a caminho para o desenvolvimento de jovens/adultos com deficiência”.

As atividades aqui presentes foram aplicadas na instituição da APAE Viçosa-MG e foram as apresentam mais êxito, sendo então escolhidas para serem descritas no presente programa em dança lúdica. O mesmo não deve ser interpretado como uma cartilha e sim como um auxílio, baseado em experiências já comprovadas, para qualquer pessoa que trabalhe com Pessoas com deficiência. Os participantes eram de uma turma específica da APAE, totalizando em 8 alunos apresentando diversas deficiências: deficiência intelectual; diplegia espástica; paralisia cerebral discinética e paralisia cerebral; deficiência auditiva; paraplegia; tetraplegia; autismo infantil; síndrome de *Down*.

Objetivo:

Desenvolver um programa didático pedagógico de aulas de dança lúdica para pessoas com deficiência da APAE Viçosa – MG, que trabalhe a Expressão Corporal e as Relações Interpessoais.

Objetivo Específico:

1. Verificar a influência do programa didático pedagógico sobre a expressão corporal e as relações interpessoais em sala de aula dos praticantes;

2. Analisar as mudanças das relações interpessoais com os colegas de sala e a expressão corporal dos participantes por meio da dança lúdica;
3. Desenvolver a aproximação e o interesse pela dança.

Público Alvo:

Turma específica da APAE com 8 alunos apresentando deficiências diversas.

Metodologia:

As aulas foram aplicadas no espaço físico da APAE de Viçosa-MG, uma vez por semana com uma duração de 1 hora em um período de 4 meses. As mesmas se iniciavam com aquecimento, seguia para as atividades e terminavam com um momento livre chamado de JAM Session.

Todas as atividades desenvolvidas buscavam desenvolver a Expressão Corporal e as Relações Interpessoais dos alunos. Possuíam um caráter livre predominante, porém, a proponente do estudo direcionava os alunos sempre que necessário, tendo o intuito também instigar um maior interesse pela dança.

Todas as aulas foram filmadas para uma melhor análise posterior.

Materiais:

Computador; Câmera Filmadora; Som; Barbante; Giz; Fotos reveladas.

Atividades:

Aquecimento

O aquecimento sempre acontecia em roda, de uma maneira que todos pudessem ter uma visão dos outros participantes.

A cada aluno, era perguntado ao menos uma vez um exercício para o aquecimento, se o mesmo já tivesse sido realizado, o participante deveria escolher outro. Não havia modelo por parte da professora, somente se necessário um direcionamento. Exemplo: se o aluno não soubesse o que fazer, realizasse de forma incorreta, estivesse envergonhado ou qualquer situação que o mesmo não conseguisse trazer algo para atividade, a partir de uma simples movimentação apresentada no momento pelo participante, a professora desenvolveria tal movimento de forma que fosse coerente com a atividade e mostrando a ele que o mesmo era capaz de realizar algo e que o exercício partiu dele.

Além de trazer um movimento, deveriam mostrar para todos os colegas para que pudessem realizar também.

Em toda aula o aquecimento visava trabalhar as regiões: da cabeça; dos ombros; braços; quadril; pernas; pés.

Atividades da Expressão Corporal:

Imagens com comando de se movimentar

Esta atividade consistia em apresentar diversas imagens aos alunos e atrás das mesmas estaria descrito um comando em como se movimentar que deveriam ser seguidos. A mesma possuía um caráter livre mas se necessário havia um direcionamento da professora.

Os alunos deveriam se posicionar em roda, todas as imagens estariam ao centro da mesma de uma maneira que todos pudessem vê-las e ter acesso. Um

de cada vez escolhia uma imagem – a que foto que desejasse, tivesse mais interesse – e mostrar para todos os colegas. Em seguida a professora iria ler o comando que contia no objeto, e se necessário, caso houvesse dúvida por parte dos participantes ela explicaria o que estava sendo pedido. Após esta etapa, o aluno da vez deveria criar uma movimentação de acordo com o comando presente na imagem.

Após todos presentes participarem uma vez, quem desejasse poderia escolher outras imagens e realizar a atividade novamente.

OBS: as fotos foram escolhidas pela professora, imaginando que seriam do gosto dos alunos chamando atenção dos mesmos. Porém, aconselha-se fazer um levantamento dos interesses dos mesmos.

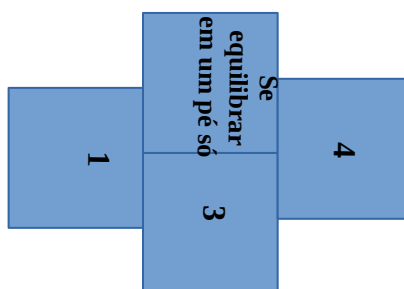
Fig. 1 – Imagens mais escolhidas na atividade e seus respectivos comandos.



OBS: Imagens retiradas primeiramente da internet.

Amarelinha

A amarelinha foi aplicada baseada em sua forma padrão, porém, de maneira que exercitasse o lado criativo dos alunos.



A atividade foi desenhada no chão com giz. Quadrados foram despostos e numerados de forma crescente, e em alguns continham comandos de como se movimentar. Havia um objeto que seria jogado pelo participante da vez em um dos quadrados desenhados ao chão. Primeiramente foi ensinado aos alunos como realizar a amarelinha sendo que deveria seguir a mesma pulando – respeitando os limites e habilidades de todos, sendo assim cada um poderia realizar o “pular” a sua própria maneira - com um pé em cada quadrado, e ultrapassar o quadrado que contivesse o objeto jogado pelo participante.

Mais uma vez a atividade possuía um caráter livre possuindo se necessário direcionamento da professora.

Siga o mestre

Esta atividade foi realizada de maneira simples, onde a professora escolhia um aluno de cada vez para ser o mestre.

Espalhados pelo espaço, deveriam realizar todas as movimentações

determinadas pelo mestre, porém, mais uma vez respeitando suas limitações e habilidades, sendo assim, a movimentação do mestre seria uma base para o desenvolvimento de um movimento próprio. Exemplo: o mestre começa a realizar o movimento de um sapo ao saltar, o outro aluno com deficiência física não consegue realizar o salto, o mesmo pode adaptar o movimento de maneira necessária ao seu corpo, como se equilibrar sobre os joelhos e tombar o corpo para frente, entre outras maneiras.

Atividades das Relações Interpessoais:

Marionete Humano

Nesta atividade cada aluno pode escolher sua dupla, e deveriam estabelecer quem seria o primeiro **comandante** e o primeiro **comandado**, para em seguida trocarem os papéis.

O **comandado** então estaria com barbantes amarrados em seus dois punhos e dois joelhos, e a partir deste material fazer com que o outro aluno se movimentasse. Nesta atividade é necessário que os participantes estejam se comunicando corporalmente a todo momento, pois quem for o **comandante** precisa pensar e perceber a melhor maneira de fazer com que o outro se movimente, e quem está sendo **comandado** precisa estar atento a todos os comandos do outro para que assim não impeça o movimento. O movimento só deve acontecer por parte do **comandante**, o **comandado** não deve fazer nenhuma força com o corpo para que o mesmo se movimente, somente responder ao que sua dupla estabeleça.

Labirinto

Pelo espaço e com barbante foi montado um labirinto onde os alunos deveriam atravessar. Primeiramente deveriam realizar a atividade sozinhos, descobrindo com os próprios corpos como seria a melhor maneira de vencer os desafios do labirinto, pois o mesmo exigia que seus corpos se movimentasse de várias maneiras, como ter que rolar no chão ou levantar as pernas para passar um obstáculo.

Em seguida, todos deveriam atravessar o labirinto juntos, de mãos dadas sem poder soltá-las, tendo assim que respeitar o tempo e as limitações de todos os colegas, e se comunicarem para decidirem a melhor maneira de realizar a atividade.

Atividades em dupla

Várias atividades em duplas foram aplicadas, a que mais se sobressaiu foi a formação do túnel com movimentos de braços. Os alunos foram dispostos em duplas determinadas pela professora dispondo os participantes que apresentasse uma deficiência física com um colega que não. Foi uma medida para que todos pudessem aprender a respeitar e entender que o outro é diferente que é necessário respeitar as diferenças.

A atividade consistia em um dar a mão para o outro e assim deveriam movimentar seus braços juntos sendo que ao fim formariam um túnel juntos com seus colegas, e tentar passar pelo túnel igual é realizado em quadrilhas na festa junina.

OBS: a relação com a festa junina é só para uma melhor visualização da atividade.

JAM Session

Ao fim de toda aula acontecia o momento livre onde não havia

direcionamento da orientadora em momento algum. Esta parte foi nomeada de JAM Session por seguir o formato deste tipo atividade.

Em roda, todos que desejassem poderiam ir ao meio e dançar de maneira livre. Acontecia de ir mais de um aluno ao mesmo tempo, ou até de dançar em seu lugar na roda, não necessariamente indo ao centro da roda. E no fim todos batiam palmas saudando seus colegas, a professora e a aula.